

RIARIO



JÚLIO CARRILHO

RIÁRIO

Olhos moçambicanos numa certa Itália



FACULDADE DE ARQUITECTURA E PLANEAMENTO FÍSICO- UEM

Tel. : 490111, Fax: 492191

Avenida Mártires da Machava, nº 181

Maputo, Moçambique

Edição: CENTRO DE ESTUDOS E DESENVOLVIMENTO DO HABITAT

Reprodução e encadernação: IMPRESSÃO GRÁFICA ACADÉMICA LIMITADA

Tiragem: 500 exemplares

Maputo, Maio de 2001

Júlio Carrilho (redacção)

Luís Lage (ilustração e edição)

Ahmed Sidat, Fernando Onions, Paulo Mondlane, Paulino Pires
(memória e recomendações)

Capa: Luís Lage

RIÁRIO

*Olhos moçambicanos numa certa
Itália*

Júlio Carrilho

Apresentação de Roberto Di Leo

Agradecimentos:

Este documento é um relato de vivências de seis docentes da FAPF da Universidade Eduardo Mondlane que beneficiaram de uma bolsa de estudos para especialização na Universidade "La Sapienza" de Roma, concedida pela Cooperação Italiana. Os seis docentes agradecem a oportunidade que lhes foi dada para se enriquecerem cientificamente e para alargar os horizontes do seu imaginário.

apresentação

Via dei Riari é uma ruazinha no coração da Roma histórica que nem todos os romanos conhecem, escondida como é, entre outras ruas maiores cheias de restaurantes, lojas, tráfego tumultuoso de Trastevere. E, exactamente na via dei Riari, inicia a aventura e o diário que se desenvolve nas páginas deste livro

O relatório, prescrito pela burocracia aquando da visita à Itália dum grupo de professores moçambicanos, para participar num curso universitário de pós-graduação, transformou-se num diário divertido, ou simplesmente "riário", utilizando o neologismo do autor, de emoções, reflexões e descobertas.

O diário relata as "aventuras" que aconteceram aos nossos professores durante a visita, em Roma e nas outras cidades italianas, em páginas ricas de arquitectura, paisagens, curiosidades, encontros. O interesse do especialista para o contacto directo com os monumentos mais famosos do passado e para as contradições dum presente incerto, é sempre acompanhado por uma ironia fina e filtrado pela amizade afectuosa que liga os visitantes e os hóspedes, amigos e colegas de trabalho.

O desenvolver-se desta amizade é, para mim, o "subproduto" mais interessante do programa de cooperação no âmbito do qual foi organizada a viagem. Particularmente neste momento em que, com a colaboração de um grupo de moçambicanos e

italianos cheios de boa vontade, vai definir-se o desenho duma associação italo-moçambicana para fortalece-la.

Posso confessar com toda a minha sinceridade que enquanto lia senti um divertimento profundo nesta leitura ligeira e amena que tão bem interpreta a visão do meu País, visto com olhar moçambicano.

Espero, apresentando o livro dos amigos Carrilho e Lage, que este tipo de experiência possa repetir-se muitas vezes, com igual sucesso e por muitos outros visitantes.

Roberto Di Leo
Embaixador da Itália



1 Riário?

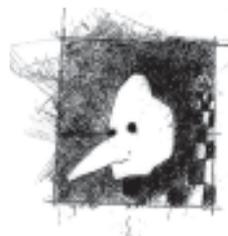
Compreendo bem porque me repetiram: "Não queremos um diário". Não queriam e não é! Também não é uma crónica e, muito menos, um ensaio. Não tem pretensões a nenhuma classificação de género literário. Começou a ser escrito em colectivo. Cada um ia ditando, ou simplesmente sugerindo, estórias verdadeiras ao escriba. Um diário? Seriam necessários organização e método. Um plano. Uma persistente rotina de registo. Uma vida menos trepidante, para não ser esquecido o momento anterior. No fundo, o que eles queriam podia resumir-se a uma simples sequência de fotografias de arador. Um retrato da família efémera "deslocada" em Roma, para mostrarem à família permanente lá em Maputo. Um pretexto para reflexões avulsas sobre temas de interesse. Ou apenas uma simples forma de gozo de estudantes em momentos de ócio. Bastava isso.

Foi escolhido um membro do grupo, o mais velho, e ficou tudo como se por ele fosse contado. É mais rápido avançar quando existe uma responsabilidade directa de "um alguém" especificamente definido. Essa responsabilidade foi assumida na primeira pessoa. Sem nenhuma intenção de protagonismo pretensioso, mas tão somente por comodismo. Chamaram ao texto Riário. Porque não? Nasceu na "Via dei Riari", na belíssima Roma medieval.

Há um estigma qualquer de subdesenvolvimento que se transporta do Sul. Um sinal que se molda às características do indivíduo, marcando-o da mesma maneira. Qualquer que seja

o tom da sua pele, ou as dobras da sua roupa. Nada engana o ferrador: nem a cor, nem a diferença nos modos, nem a elegância no dizer, nem a sabedoria de cada um. Ser subdesenvolvido é sê-lo, pura e simplesmente. Mesmo que não se o sinta. É simplesmente uma marca que se aviva quanto mais longe do Sul. Nada a pode esconder. Há sempre algo relacionado com qualquer coisa de muito velho, de ancestral, que o denuncia. Desde a sinceridade dos seus gestos transparentes e toscos, até ao número de dobras dos pêlos que os adornam, e que por vezes teimam em esquecer. Mas isto, no fundo, todos conhecem, ou conhecerão em qualquer viagem para o Norte, em que estejam no papel de gente comum.

2 o avião, o pingo e os pescadores espanhóis



Estávamos preparados para tudo, mas tudo nos apanhou desprevenidos.

Somos seis docentes da Faculdade de Arquitectura e Planeamento Físico da Universidade Eduardo Mondlane, de Maputo. Iámos, como discentes, para um curso de aperfeiçoamento na universidade italiana La Sapienza. Eu e o Lage, de cabelos brancos: os meus no topo de uma silhueta filiforme a coleccionar baratos guarda-chuvas de rua que, ao primeiro chuvisco, se descabelavam, e os dele coroando uma farta gargalhada de desenhador amante de culinária. O Sidat sem nenhum pedaço de carne no estômago oriental, a argumentar sextas-feiras. O Paulo Mondlane a sonhar mini-discos barbaramente saboreados entre acessos de refilice. O outro Paulo e prato mais comedido, o Paulino Pires, com um ângulo de baliza de futebol no sorriso do maxilar superior. O Onions de olho azul parado no silêncio cantado do corpo. Africanos? Um dia a dúvida instalou-se nos. "Afimial não há negros em Moçambique?", indagou ironicamente um amigo que conhecemos na "via XX Setembro". Olhei para a cor das nossas peles. Instintivamente. Era a primeira vez que o fazia desde há mais de quinze anos. E vi: quatro de nós éramos castanhos mais ou menos claros, um dos quais tismado à indiana; um cremoso; e um castanho escuro. Vendo bem, não havia daqueles africanos que os europeus desenham nos livros para crianças. Nenhum se apresentava colorido a tinta da china preta, de tronco nu, a fazer contraste com os dentes e o osso espetado

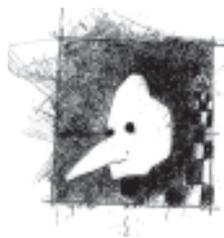
no nariz. "Mas está ali o Mondlane. Ele é de raça negra", disse eu, sem nenhuma dúvida na afirmação". "Ah sim? Mas ele é claro. Não é tão negro como os africanos da costa ocidental que eu conheço", replicou o tal amigo. "Mas também aqui na Itália vocês têm cidadãos mais claros do que outros, e de pêlos com diferentes graus de frisagem! Sabe que o Índico misturou as cores e matizou os gestos? Como no Mediterrâneo!" Retorqui triunfante, a pensar na quase carapinha da estátua equestre do imperador Marco Aurélio na Praça do Campidoglio. No fim, eu fiquei na minha e ele na dele. Ambos incrédulos quanto à sinceridade do diálogo. Só nos faltou mascarar-nos de queimados africanos de azeviche, retintamente negros, para que a cena coubesse nos parâmetros do previsível. E isso até nem teria nada de provocatório, já que estávamos perto do período do Carnaval. Talvez assim, pintados da única maneira que o fortuito amigo italiano idealizava, parecêssemos mais o que realmente somos. Mais tarde verifiquei que, afinal, quem caiu na armadilha fui eu. Devia ter indagado das razões por que, na Europa (e não só), se vê a África como um bloco indiferenciado, quando eles se olham e nos fazem olhar a si próprios como um mundo rico de identidades várias. Quer dizer, a África como análgama de gentes iguais, e a Europa como um cadinho de sabedorias diversas! Apesar de liliputiana, se vista a partir das imensas savanas que nos entrelaçam.

Viajar de avião em sobressalto é coisa em que os moçambicanos se especializaram no seu país. Fazem-se os voos internos pacientemente, com as mais variadas trouxas e encomendas. O importante é preservar a carga, proteger o rancho, a mobília, os mantimentos, ou as prendas queridas para os familiares: um cabrito para a tia Susana; um saco de amendoim para o senhor Saíde; uma lata de alho para o amigo Chababe; algumas caixas de lagosta e camarão para a vizinha Dora; feijão, arroz, batata, roupa e sapatos para o casamento do Maíto, e cinco capulanas

para a menina Sifa. Nada disto espanta ninguém. Mas, quando estamos numa viagem à Europa, toda esta experiência se esbate para o subconsciente. Perde-se a indiferença duramente exercitada em casa, até mesmo diante do imprevisível, e aguça-se a sensibilidade para tudo o que esteja mal fora do país! Passamos a analisar com minúcia quem e o quê se transporta. Só porque o avião, não sendo nosso, não tem direito àquela tolerância passiva do moçambicano para com as suas coisas. Talvez seja uma questão de defesa, de consolação, quiçá de secreta vingança! Vem isto a propósito do nosso voo rumo a Lisboa.

A grande e sofisticada nave de ferrugem que a TAP deu de aluguer à LAM regurgitava de pescadores espanhóis barulhentos. Nalguns casos, donos de odores que não faziam parte do nosso vocabulário olfactivo. De resto, como quaisquer pescadores de aldeia que se prezam. Pés descalços nos anteparos do avião; um senta-e-levanta constante; um rressonar leonino; um à vontade desbragado. A cena completa-se com um gotejar constante sobre mim. O avião vertia. Precisamente sobre o lugar que eu me esforçava por manter. E viajei assim durante cerca de uma hora na companhia do pingo, a tentar arranjar espaço para ele cair, e a fazer simulações para pupar o meu casaco novo. Durante o tempo necessário para que o hábito me transformasse no passageiro bem comportado de que todos os aviões precisam. Deixei de resmungar, tudo o que me parecia mal passou e, depois de ver muitos a sucumbirem ao sono, chegou a minha vez de fingir que a ele me rendera. É provável que nessa altura ninguém se incomodasse com o rressonar dos marinheiros..., porque todo o avião devia estar a rressonar. Por secções. Compulsivamente a dormir com o apagar obrigatório das luzes da cabina. Boa solução, esta, no conciliar dos ânimos desencontrados: o barulho é de todos e de ninguém! Por isso eu, que não consigo pregar olho, não podia refilar...! Por que é que, quando estamos fora, vemos tudo e, dentro do país, não vemos?

3 a sobrançeria lisboeta, a neutralidade suíça e os carabinieri sem carabinas



Não queriam que passássemos pelo aeroporto de Lisboa. E valiam-se da lei da União. Não sei por que é que os homens da migração portugueses tinham tanto que quisésssemos ficar em Portugal! Eles, que são tão africanos de tez, de pêlo e até de subdesenvolvimento, deveriam orgulhar-se de poder contar com gente tão variada e culta, inclusive para os programas de reconversão civilizada da sua própria natureza. Teriam dicas mais inteligentes para convencer os africanos de que eles é que são bons. E de fazer isso sem deixar ressentimentos naqueles que, como nós, se irritam com a sua estúpida e injustificada sobrançeria. Pobres funcionários da migração emigrados de si próprios! Como muitos iguais a eles no seu país, não são capazes de nos avaliar a não ser pela nossa desgramatização da sua língua que, afinal, eles até têm sorte de ser falada fora do seu torrão de açúcar branqueado.

Nesse vai-ou-volta dos burocratas tucas voaram as ligações previstas nos nossos bilhetes, e perderam-se quatro horas até que se encontrasse uma solução que não fosse o puro e simples recâmbio para Moçambique: sair da Europa shenguen para a Suíça e desta demandar Roma como se tivéssemos saído directamente de Maputo. Complicado, mas verdadeiro. Provou-se mais uma vez a vantagem da neutralidade suíça; vantagem que, pelos vistos, não se fica apenas pelas contas bancárias sem nome, ou pelos dinheiros, maus e bons, à disposição de donos anónimos. Sem ela, continuaríamos a desdobramo-nos em telefonemas para contar indignações e pragas: um "acudam-nos!"

para o Forjaz em Maputo, e um "chissa!" para o Bruschi em Roma. Como se eles tivessem alguma responsabilidade com o que se estava a passar!

Até chegarmos à Suíça, fomos ruminando receios pelo que lá nos esperaria. Só a observação dos passageiros que conosco preenchiam o charuto voador nos distraíu. É claro que, desta vez, não se estava perante pescadores desafrikanizados, de viagem entre Maputo e a Europa, até ao próximo turno de pescaria no banco de Sofala. Mas esses passageiros portugueses eram tão emigrantes como os pescadores espanhóis do banco de Sofala e outros b(r)ancos que têm vindo a estabelecer-se no nosso país. Sim, eram trabalhadores portugueses na Suíça e na Alemanha. A diferença apenas residia no aspecto, nas roupas, no tipo de turno e nas águas-de-colónia. Talvez mesmo porque alguns para lá fossem. Para a Colónia alemã. Outros para a lacustre Geneve. Emigrantes. De trouxas e de falares muito diferentes do das nossas aulas de Português. "Chpá, se não t'aguietas levas uns tabefe! Tás óovir?" e quem "óovia" era um bebé de não mais de três anos de idade. Chorava que nem um desalmado no ambiente sofisticado, mas desconfortável, do avião. Calou-se imediatamente depois da ameaça da mãe, tão sonora e desalmada como o seu choro. Assim correu o nosso voo até à Suíça, entre portugueses emigrados pela Europa.

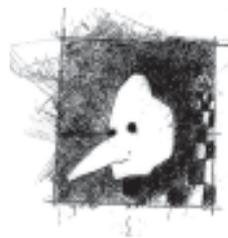
Zurique recebeu-nos com balcões de sorrisos e eficiência. Assepticamente eficientes. Não fomos indagados sobre de onde vínhamos, nem ao que íamos. Trocámos a medo os parcos dólares sem nenhum incómodo, sem mesmo sequer ter de mostrar o passaporte. Parecia mentira e, por isso mesmo, não deixámos de realimentar a desconfiança. Sabemos bem que as excepções muitas vezes só servem como confirmação de regras arreigadas a uma qualquer verdade que não tem de ser compreendida.

Sobrevoámos Roma por entre mudas inquietações e secretas ânsias. O medo da lembrança ainda viva das interrogações de Lisboa conduziu-nos, apreensivos, ao guichet da imigração do aeroporto de Fiumicino. "Será que nos mandam para trás?" Mas esse medo acabou, plasmado num sorriso de alívio e, mais logo, estalou em gargalhada de nervosismo apaziguado. Conseguimos finalmente passar sem incidentes pela última polícia de fronteira. Era como se estivéssemos a caminhar em direcção a monstros que, ao primeiro toque, se transformaram em vistosas aves canoras. Pobres carabinieri, vestidos da fama que para eles colhemos noutras paragens. Fama alheia a que eles acrescentaram gestos em demasia e um agradável linguajar de árias de ópera em rotação acelerada.

Eram nove horas da noite de um sábado frio de Janeiro quando chegámos ao destino. Acabou a tortura da viagem. Sumiu entre os abraços do Sandro Bruschi, do Giuseppe Vetriani e do Gianni Accasto, Professores seniores em Roma e colegas de docência em Maputo. Teríamos então de seguir para o lugar que nos albergaria. E fomos. Conduzidos pelos amigos que viriam a ser alguns dos palestrantes no nosso curto processo de formação.



4 o albergue monacal e o refúgio dos pecados



A noite era um frigorífico. Mas a vista nocturna de Roma e os monumentos que nos iam sendo apontados pelo caminho aqueciam-nos o entusiasmo. Nem mesmo sentimos a demora que a distração do Bruschi causou ao tomar, lampeiro, um caminho diferente para o centro da cidade. Chegámos, sim. Não ao que julgávamos ser um hotel ou, na pior das hipóteses, um lar de estudantes. Chegámos a um albergue da Comunidade de Sto. Egidio. Calmo, silencioso, disciplinado. Uma calma, um silêncio, uma disciplina quase tão estreita como a rua que nos recebeu – a Via Dei Riari; um andar de lã e um cavaquear de veludo nos corredores e quartos, tão religiosos como nos conventos; um comer exactamente às oito da manhã e um nunca entrar depois das onze da noite, como em qualquer colégio de adolescentes inberbes ou de peregrinos devotos; uma rigidez quase tão medieval como o belíssimo e cobiçado bairro onde serenamos nossos ânimos, o Trastevere.

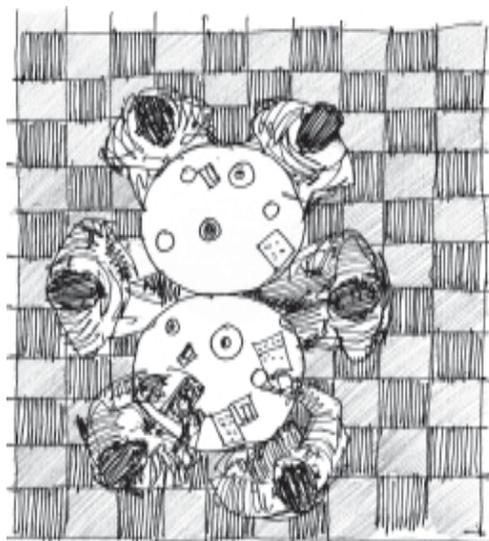
Mas esta serenidade toda não podia ser toda a verdade. Tanta pacatez e sibilância era coisa que não encaixava nos nossos desejos de desfrutar a sabedoria e a experiência multifacetada da Roma secular. Não foi só a Igreja Católica que construiu a cidade. Também o gozo, a barbárie e o conforto pagãos puseram marcas. Tão sábias de ironia como não poderíamos imaginar. Pois é. A dois passos do nosso santo albergue, bem antes de uma basílica paleo-cristã por onde passávamos todos os dias, descobrimos, na própria noite em que chegámos, o que viria a ser o nosso contraponto de animação e alívio. Um clube com um sugestivo nome, exactamente aquele

de que precisávamos: o 'Refúgio dos Pecados'. Dito em palavras que me lembraram a minha infância de acólito nas missas católicas em Latim - "Refugium Peccatorum". Um ambiente simples, mas de uma erudição lasciva a ressaltar das cenas escabrosas pintadas com talento nas paredes de um espaço minúsculo, à maneira dos primitivos flamengos. Se fosse um inferno tipo Bosch, tinha de ser um inferno bom! Porque o espaço era convidativo e seria aqui que gastaríamos os últimos minutos de todos os dias. Antes de todas as malditas onze horas do começo da noite, em que, bem comportados, nos tínhamos de apresentar no albergue, para que não nos fechassem as únicas portas abertas que conhecíamos nessa cidade ainda desconhecida. Uma quase maldade para os marmajos barbudos que já somos! E foi daqui que partiu a luta assanhada pela nossa libertação contra um tratamento extremamente simpático e útil, mas demasiadamente monacal. Fizemo-la até aos confins da internet... Repito: bendita internet, através da qual pudemos arranjar uma outra morada. Mais laica, menos espartilhante, mais prosaica... Se ficássemos à espera das bem intencionadas promessas italianas de alojamento condigno, feitas em Maputo, eu acho que agora seríamos quase frades. Não que isto fosse um desastre. Só que não era para o que íamos.

Nos primeiros dias de Roma, o refúgio dos pecados transformou-se, entre outras coisas no refúgio da contabilidade, no esconderijo das subtrações dos poucos dinheiros que voavam dos nossos bolsos com uma persistência assustadora. Bastaria ou não a massa que leváramos de Maputo? Viria ou não viria a bolsa que também nos tinha sido garantida? Uma dolorosa expectativa pairaria, silenciosa, sobre os nossos amolecidos porta-moedas.

Mas foi sorte, essa, de ter à partida o Trastevere como primeiro ponto de referência em Roma. Era como se começássemos a viver a cidade pelo seu verdadeiro começo. Como se tivéssemos via-jado

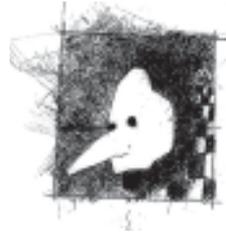
para a Idade Média sem, no entanto, deixar para as traseiras do tempo os confortos urbanos da modernidade: os restaurantes, os clubes, as salas de cinema, as esplanadas cheias de gente de todo o lado, acrescidos ao pitoresco e à animação que só um bairro de gente, ainda sincera e desinibida, pode possuir. Até quando? Não sei. A invasão de turistas e a moda do genuinamente antigo dá mostras de iniciar os seus estragos. É muito provável que, dentro de algum tempo, este ambiente seja apossado pelos cavaleiros e cavaleiras que podem comprar este sentido de urbanidade profundamente apropriada e despreziosa que o bairro ainda apresenta. Nessa altura, passará apenas a ser um bairro chique, de gente chique e de ar cinzento e caro. O pitoresco, resultante da sua verdadeira vivência humana, terá desaparecido.



Seis em oito em
contas

Para 98

Ury



5 entre o pão e a mandioca

O nosso primeiro dia de contacto com o ITACA, o Instituto de Tecnologia da Faculdade de Arquitectura da Universidade de Roma "La Sapienza", foi de curiosidade, acanhamento, pequenez. Mais de uma dezena de milhar de alunos frequentam uma simples faculdade. Perante este gigante, a nossa Mondlane quase não passa de um simples conjunto de turmas de um departamento seu. Mas as coisas não se medem só pelo tamanho. Os homens não se medem aos palmos. A nossa dimensão é também a dimensão do Homem. Lá dentro, a minha massa cinzenta funciona, com os meus parâmetros, tão bem como essas outras massas italianas funcionam com os seus. Consolo.

No ITACA, recebemos as informações necessárias e fomos convidados para o almoço, pelo seu Director, o Professor Dierna. Enquanto saíamos, um grupo de alunos atrapalhado abordou-o. Queriam saber a data do exame que os assistentes se esqueceram de afixar. Não fossem eles aparecer no dia seguinte e apanhar com a prova na cara desprevenida. Resolvido o problema no momento, como compete a qualquer dirigente que se preza, avançámos para o restaurante. No carro pequeníssimo do nosso respeitável Professor. Poder-se-ia dizer que o Fiat em que tive a honra de ser transportado (honra por ter sido o único a ter o privilégio de ir com o Director porque, à boa maneira africana, a minha idade me concedeu essa regalia) era muito mais do que um carro. Veio-me ao mesmo tempo a ideia de um cinzeiro motorizado e de um escritório ambulante. No mesmo espaço

oblongo. Um carro pequeníssimo com tanta beata e tantos papéis não podia ser outra coisa. O Professor Dierna levou-me para um restaurante. Mas os outros professores e colegas foram para outro. Desencontrámo-nos. Este é o resultado de demasiados assuntos na cabeça dos directores. O engano foi prontamente resolvido com alguma espera e diligências apropriadas. Fimda assim a jornada de apresentação na instituição que nos acolheria.

Os dias seguintes seriam um pouco mais fáceis. Tínhamos suficientes informações para nos movimentarmos em Roma. Menos o dinheiro. Mas a falta de dinheiro é o que melhor sabemos gerir. A nossa experiência de mendigar donativos foi já quase por nós elevada à categoria de ciência. Com os necessários ajustes anuais de estratégia. Arranjar, todos os anos, diferentes argumentos para pedir a mesma coisa, no mesmo contexto, é obra! Que o digam o Clube de Paris e o FMI! Foi esta experiência de anos de negociações por dinheiro que nos safou na reunião que tivemos com os directores, para reclamarmos contra o tamanho da bolsa de estudos e seus atrasos. A certa altura, um deles argumentou que, quando era estudante a especializar-se em Londres com o seu colega Tafúri (o célebre arquitecto Tafúri, quem diria!), alimentava-se quase a pão e água, priorizando o necessário para a aprendizagem. E alguém lampeiro do nosso lado retorquiu: "Mas também muitos de nós viveram anos à base de batata-doce, ou massa de milho, ou xima de mandioca, ou carapau, ou repolho, e alguns até tiveram que comer macaco em momentos de dificuldade, lá pelos lados da guerrilha; não parecia aceitável que, depois de tantas promessas, voltássemos ao mato em plena cidade de Roma". A veemência do contra-argumento apaziguou os ânimos e tudo ficou entre amigos. Mas, pelo-sim pelo-não, acabámos por seguir o conselho do director que, no fundo, tinha alguma dose de razão: adoptamos o pão como moeda comum, para priorizarmos o livro, o transporte e o tecto.

6 de S. Pedro ao dumba de Porta Portese

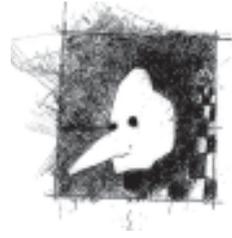


Era inevitável que, logo nos primeiros dias, prestássemos homenagem à cidade, naquilo que de mais mediático a ela se liga. E, para nos sentirmos mesmo em Roma, decidimos sentir, à cabeça, a Praça de S. Pedro. À mistura faríamos a nossa vénia a Bemini, testando os dois centros da praça e, dentro da basílica, piscaríamos o olho a Miguel Ângelo, escondido algures no espírito da Pietá, presa atrás dos vidros anti-bala. A praça vazia e imensa estava envolta em cinzento. O templo, coberto pelos invariáveis andames a preparar os edifícios para o jubileu. Roma tinha a maior parte dos monumentos cobertos, como se estivessem na bicha para uma sala de operações estéticas. S. Pedro não era excepção. A chuva pincelava o ar, intermitente e fina. Mas a utilidade da dimensão arquitectónica da praça e arredores não se quedava só no espírito, no prazer estético. Descobrimos outras dimensões laterais da sua utilidade material. Encontrámos ali os cambistas mais em conta e menos exigentes de papéis. Foi assim que passámos a ir a S. Pedro por dois motivos: a sua monumentalidade e os seus cambistas.

Não foi só a obstinação das coisas do Vaticano que nos acompanhou nos primeiros dias. A outra resolveu-se em Porta Portese, o imenso dumba-nengue romano dos domingos: luvas para os dedos frios, ceroulas para os pelos eriçados das pernas, gorros para as carecas, ou para o cabelo ralo, ou para as orelhas delicadas; e por entre as luvas, as ceroulas, os gorros e tudo o resto que se possa imaginar, gozar o prazer de adocar a saudade pela lembrança do verdadeiro dumba subdesenvolvido vizinho

da nossa faculdade em Maputo: o "Museu". Só que o nosso dumba-nengue não é semanal, não vive do pitoresco para turista, nem de especialidades livrescas por descobrir, nem da disciplina municipal a impor lugares, tempos e limites. O nosso dumba ainda é a mais genuína forma sustentada de urbanidade. Com uma omnipresença inquietante, um babelismo vertiginoso, um desenrascanço que ainda nenhuma lei controla. Porta Portese mostrou-nos que o instinto de sobrevivência dumbanenguista também existe em Roma. Mas foi confinado à sobrevivência de fim de semana. Não vive das necessidades diárias permanentes como os mercados informais de Maputo. Os nossos dumba-nengues, esses, são um imperativo do quotidiano e não um postal para enviar a amigos fora do país, nem um expediente ilegal para estrangeiros em dificuldades. É curioso notar como um simples dumba-nengue efémero, a milhares de quilómetros de distância dos nossos lares, nos ligou à terra, tanto quanto suscitou razões adicionais para nos ligar a Roma. A aparente confusão, os diversos linguajares, os truques para vender mais, os mundos distantes em confronto ameno, a profusão de coisas espalhadas pelo chão puseram-nos, de imediato, em sintonia com aquele espaço-canal, onde fizemos o papel de turistas ufanos e exigentes, à procura de mapas, gravuras e livros antigos, depois de resolvida a busca das ceroulas, das luvas e dos gorros. Juntámos assim a 'amallhice' da erudição de subdesenvolvido, que só se interessa por livros e coisas velhas, à utilidade tímida da compra, à socapa, de coisas íntimas e indispensáveis. Depois de resolvidos os problemas básicos, passeámos contentes pelo espaço, com aquele ar de curiosidade e alheamento de quem se diverte imenso com tanto pitoresco. Fazíamos isto deliberadamente, para termos ideia de como se sentem os estrangeiros no nosso país, quando estão no Xipamanine a dizer, a cada passo, "Mas que engraçado..Olha como eles regateiam o preço... Afinal também sabem muito bem como negociar!".





7 urinol inteligente?

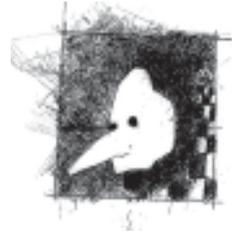
O fim do dia caiu-nos cedo. Pesado e escuro. E permanece longo e frio como se castigo fosse o anoitecer. Longo, demorado e frio. Prolonga-se, linear, pelo rosário das estações do metro. Numa correria desenfreada, sempre tristemente anónima. O metropolitano, esse tubo de transporte subterrâneo, é perversamente útil. Tão útil e tão perverso que os males do seu silêncio zumbido, o doce embalar dos seus sacões ritmados nos anestesia na rapidez iluminada das plataformas de multidões desfilando aos nossos olhos.

Saídos da tubular escuridão, atravessadas as ruas em sobressalto, subida a via estreita e calcetada ao som dos passos polindo os irregulares cubos de basalto, eis-nos de novo no albergue da Comunidade de Sto. Egídio. Antigo, silencioso, exalando disciplina de meninos de catequese em que nos transformamos sempre que voltamos a essa nossa casa provisória. Fiéis e infiéis, religiosos e ateus, católicos e muçulmanos, seremos acolhidos todos os dias com a mesma tolerância que as nossas diferenças tendem a construir cá pelo Índico.

Na realidade, a nossa casa ainda era um corredor de quartos de duas camas. Paredes brancas, avisos de silêncio, hora de recolher e duas casas de banho ao fundo. Depois da corrida de estafetas com o chuveiro como testemunho, saímos da contenção a que o asséptico corredor nos obriga. Era um dos momentos de descoberta da Roma antiga. Com o pretexto de encontrar um sítio barato

para comer. Já tínhamos feito as contas no dia anterior. Em sobressalto, depois de sabermos que, afinal, o albergue tinha um preço como qualquer hotelzito que se preze; sobretudo se, ao asseio e bom atendimento, se acrescenta como mais valia o ambiente místico, o convite à reflexão, a proximidade com Deus e a experiência, para nós significativa, de persuadir moçambicanos desavindos a acordar para a paz, depois de um sono de violência do qual eles próprios não sabiam como sair.

Feitas as contas, não tínhamos porta-moedas para mais de uma semana de Sto. Egídio. E nessa semana toda a nossa capacidade de concentração tinha o bolso como o objecto imediato de gestão. Só os MacDonald's nos permitiriam comer sem ter que pensar muito no dinheiro. E lá fomos. E resolvemos o problema de estômagos e outros problemas, cuja solução nunca nos tinha passado pela cabeça. Tive que ir ao urinol do restaurante americano. Imaginem que, depois de muito indagar sobre as descargas automáticas de água sem nenhuma razão plausível que não fosse a minha presença, descobri que o urinol agia automaticamente quando, no seu campo de acção, se introduzia algum objecto estranho como, por exemplo, os membros amainados de sonhos dos nossos respeitosos corpos. Ficou a surpresa, a lição e um motivo de conversa. Como desenhar, em Maputo, wcs que se limpassem por si sós, sem o dispêndio de um salário, ou sem os incómodos da negligência "culturalizada" dos contínuos e seus utilizadores? Estava ali o exemplo de eficiência com poupança de não-de-dora!... Depois de usado o MacDonald, rumámos para o Peccatorum. Lá, tínhamos a vantagem do mentol para evitamos os pecados. É claro que os goles da alcoólica "menta" era apenas o comprimido de calma de que precisávamos para enfrentamos, sorridentes e vagos, as investidas, de pura simpatia, da conversa (des)fiada das Sorellas do albergue. Antes da última badalada das onze da noite.



8 refeições de amizade

Nova alvorada se faz. Tínhamos de nos apresentar no Departamento de história da arquitetura da Faculdade. Saídos do metro, deambulámos vinte minutos na Praça de Espanha antes de encontrarmos a Piazza Borghese. O engano da escolha da apropriada boca do metro deveu-se a uma pequeníssima incompreensão. Em vez de rumarmos à piazza, rumámos ao parque. Ambos borghese. Com vinte minutos de atraso, o Prof. Fiori e o Prof. Curti receberam-nos à entrada de um dos departamentos da Faculdade. Íamos ter uma conversa sobre os programas de História da Arquitectura e sobre as nossas intenções de pesquisa. Da visita à biblioteca à conversa na sala dos professores, colhemos sabedoria, simpatia e agrado. Colhemos também informações diversas que nos levaram a uma livraria ali mesmo ao lado da Faculdade. Não foi possível resistir aos títulos que nos saltavam das estantes. Entre setentas e livros vários, gastámos muitas das liras que levávamos. Ou não comeríamos mais durante o dia, ou teríamos de repetir invariavelmente o truque da falta de apetite, ou da barriga cheia. "Muito obrigado. Comi há bocado..Neste momento não me apetece..Não me leve a mal..". Seguia-se a insistência do anfitrião e, quase de imediato e em coro manifestava-se a face verdadeira da vontade: "Já que o professor insiste.Muito bem. Vai um café e um croissant." Ganhámos assim um reanimar do estômago até ao almoço.

Almoço? Bom.. Teria que ser providenciado de outra forma. Pretexto: saudade e cumprimentos a um outro professor, o

professor Romoli. Assim foi: um conveniente telefonema à hora do almoço para o amigo; um convite para almoçar e, ouro sobre azul, uma alegre conversa sobre Maputo e outra sobre Roma. Ganhámos assim o útil e o agradável. Uma boa patuscada num restaurante típico que nunca encontraríamos por nós próprios, uma volta pela cidade, e um conjunto de interessantes referências urbanas e arquitectónicas impossíveis de recolher em páginas frias de livro. Seguir-se-iam mais tarde as refeições em casa da Maria Spina, do Bruschi, do Bianchi, do Corvaille, do Accasto, do Fiore, e outras (uff!) em restaurantes e em casas de amigos, também oportunamente por nós aceites. Eram infundados os nossos receios de fome. Mas ainda não sabíamos que esta solidariedade alimentar se juntaria a outras solidariedades, por vezes cansativas, que já tínhamos percebido. As amizades genuínas expressam-se em qualquer lugar, encontrando "sedes" cada vez mais fortes e motivos mais palpáveis para se reafirmarem. Depois do conforto pela troca de ideias e da generosidade que nos garantiria o bem estar do tracto digestivo, reavivou-se a preocupação com o espaço vital. Neste domínio, valer-nos-iam os contactos amigos fora da esfera académica.

As contas que tínhamos feito no dia 15 de Janeiro à noite, no refúgio do pecado, puseram-nos em estado de alarme permanente. A bolsa não daria para nada mais senão refeições e transporte para o ÍTACA. E os restantes vícios? E os livros, os rolos fotográficos, o jornal, o sabonete, os detergentes, os cafés? E o Cinema, a grappa, os cigarros e as cigarras?... Sim, que não pensávamos ir a Roma só para fazer de formigas trabalhadoras e insossas. A única solução era mudarmo-nos do albergue conventual de Sto. Egídio. Perder a calma ascética e o conforto relativo, mas ganhar o benefício da liberdade, o eventual luxo da libertinagem, e o descanso mental do preço mais baixo pelo aluguer. Nem que tivéssemos que nos amontoar em qualquer apartamento. Foi isso que fizemos.

9 apartamento na Via Damasco: o sabor do fruto suado



Era imperioso resolver a questão de uma estadia sustentável. Pagar 50000 Liras por pessoa/dia no albergue de Sto. Egidio era coisa que, a breve trecho, nos remeteria de novo à nossa condição de pedintes. E não nos queríamos imaginar, nem um só momento, de gorro estendido para as moedas do acaso, nas imediações do Coliseu. Já referi que procurámos ajuda na internet. O amigo do Lage deu-nos a dica e lá fomos para a casa da promotora de arrendamentos. Postas as hipóteses, zarpámos com ela para analisá-las uma por uma. Primeiro, metemo-nos pela Rua da Penitência, atravessámos a Ponte do Suplício e, sempre no autocarro 23, chegámos a um apartamento de seis quartos. Não dava: nem esse, nem os outros que vimos. Muito menos aquele terraço da Via del Corso com uma vista soberba, mas caríssima e pronta para japoneses. Valeu a vista, não valeu o preço, evidentemente. Voltámos à casa da agente imobiliária para refrescar hipóteses. Mas antes disso, e depois de saber das nossas lides de projectistas, cravou-nos um projecto de remodelação do seu próprio apartamento para poder alugar a americanos em férias, meteu-nos nas mãos a planta por remodelar, prometeu fazê-lo e, então sim, obtivemos a hipótese certa para os nossos bolsos.

Já tínhamos casa: dois quartos, uma saleta de sofás fofos, uma kitchenette com máquina de lavar, uma casa de banho que bastava. Para seis moçambicanos em apuros, chegava. Três em cada quarto em colchões estendidos no chão, revezamento de tarefas, bicha para a casa de banho. Que alívio!

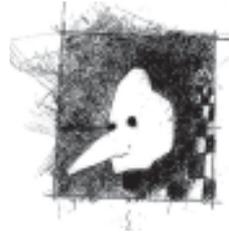
Por cerca de 10000 liras/pessoa/dia de aluguer diário, tínhamos resolvido a nossa aflição de um poiso estável. Bastaria uma atribuição parcimoniosa do espaço e das tarefas e o problema da estadia em Roma ficaria resolvido. Assim foi: eu fiquei com a responsabilidade dos bifés; o Lage com a dos spaghetti variados; os outros colegas com as tarefas divididas entre a lavagem de louça, a compra dos mantimentos, a simulação das limpezas, etc.

Já tínhamos casa. Com o luxo da TV. O som de uma aparelhagem teria que ser improvisado nos dias seguintes. Entretanto, valer-nos-ia o ritmo da actividade que se acelerou. Não tinha nada a ver com a pacatez do albergue. O Onions abriu um dos sofás e estendeu-se no buraco que se fez. O Sidat desamou o outro e estirou-se. O Lage, de cócoras, resmungou enquanto esticava os lençóis no colchão, sobre a tijoleira – aqui, os colchões não só tinham o “chão” no nome, como apenas caberiam no ‘chão’ dos quartos, três a três, depois de despojados das suas armações. E havia uma estante torta sobre a minha cabeceira. Fiquei a pensar se não seria melhor pôr um calço no seu corpo empenado, para não me cair em cima no meio de um sonho. Vista cá de baixo, a estante parecia um inenso prédio em perspectiva, inclinado sobre a minha cama rala. O Paulo demolheu a roupa em abundante espuma. E o Pires mandou bocas (que são conselhos de quem dá mas não faz) com a mão a apoiar a cara indiferente e os olhos abertos a espantar o cansaço.

Os lençóis estavam rotos. Mas não eram os lençóis rotos que nos assustavam. Os sofás tinham buracos. Mas não foram os buracos dos sofás que nos desconfortaram. Tínhamos muito mais do que isso. O nosso próprio ambiente, passível de se adaptar às nossas próprias idiossincrasias. Já era uma e meia da manhã. Ressonava-se em timbres e ritmos diferentes. O Onions parecia cantar, o Sidat parecia tocar tambor; o Lage parecia um combóio

desarvorado. Ali estava criado um mundo à imagem e semelhança de Maputo: casa de dois quartos, ocupada por seis; camas no chão; sala com a polivalência do estar, do dormir, do comer, do estudar, do trabalhar, do lazer...; casa de banho cheia de coisinhas de dependurar e sítios de esconder. Só me atrapalhava o banho de 'telefone' em punho, a dificuldade de regular a temperatura da água, de controlar a direcção do seu jacto. O banho à lata ou o chuveiro sobre a cabeça seria mais fácil. Assim, o jacto de água não queimaria à esquerda; não gelaria à direita; nem aborreceria como um foguete desatinado arrastando-se sem direcção pela banheira afora, como aconteceu no primeiro banho. Um simples encosto no manípulo e um forte jacto de água fria saltava como que por encanto, rabiando pelo espaço. Esse chuveiro tipo "telefone" parecia que tinha vida. Rapidamente nos desabituámos da falta de pressão das torneiras das nossas casas de Maputo! Mas também rapidamente arranjaríamos utilidade para essa insólita força da água: a massagem.





10 uma nova rotina

A Roma dos imperadores, do classicismo bastas vezes copiado, estava a ser, canto a canto, absorvida pelos neo-bárbaros do mundo que nos dizem sermos os Bantos e os seus cunhados pretos e mulatos e brancos. Quem sabe se um dia não teremos o nosso Coliseu para pálidos gladiadores, envergonhados e arrependidos de tantos conselhos e lições afanosamente dados aos que têm que ser ensinados a desenvolver-se? E não teríamos o problema de importar feras de muito longe. Bastar-nos-ia ir ali à Corurana, colada à cerca do Kruegger, e colher alguns espécimes ao acaso. A Praça de Touros reabilitada faria o resto... Pensamentos do género alegravam as noites do nosso apartamento na Via Damasco.

Com o gosto duvidoso da TV sempre acesa, trabalhávamos por entre nexas de imagens indistintas a funcionar como pano de fundo. Uma cena longa suspendeu o écran. Os meus colegas deixaram de ditar-me ideias. Parava ou não parava de escrever? De súbito, exclamam em coro: "Olha aquelas cúpulas maravilhosas da Praça del Popolo!". Encolhi os ombros, pela incompreensão momentânea da metáfora utilizada. O que estava no aparelho, em grande plano, era o tronco decotado de uma lindíssima apresentadora de TV. A lógica veio-me com algum atraso. De facto, aprendêramos no dia anterior que as duas igrejas que limitam de cada um dos lados a Praça do Povo, a Igreja de Santa Maria de Montesanto e a de Santa Maria dos Milagres, tinham cúpulas gémeas a que os romanos chamam "as mamas de Roma". O turbilhão de ideias ditadas pelos meus colegas

estancou. Pousei o lápis. Todos ficámos fingindo distrações nas imagens sem estória da TV fora de horas. Demasiadamente canais, lascivas, suavemente musicalizadas, falhas de imaginação para a capacidade criativa de qualquer adulto que se preze.

O dia seguinte era de faculdade. Felizmente que o metro estava a um passo. Entre a Basílica de S. Paulo e uma feérica estação de gasolina da Agip. Entre o ontem contemplativo e o hoje poluente. Iríamos pendurados na minhoca rápida até mesmo ao ÍTACA. Sempre debaixo do chão. Era uma sorte a possibilidade de sairmos da soleira do prédio para o buraco do metro e deste desembocarmos no destino que nos esperava. Gastaríamos a manhã com a honra de assistir a uma sessão do Conselho Científico da Faculdade, na qual os seus respeitáveis membros teriam a oportunidade de nos conhecer. Dois coelhos na mesma cajadada. Foram duas horas de palavras mansas, suavemente escolhidas, ornações de agradecimentos e piropos entre eminentes cientistas e as melífluas personagens em que nos transformamos. Ali mesmo decidíramos que as nossas eventuais queixas e protestos ficaríamos bolsos, ainda vazios, da nossa memória. Talvez assim contribuíssemos para que Lichinga, a legislação urbanística, o Ibo, continuassem ou fossem adicionados à cooperação. Sempre esta maldita palavra subversiva. Não será tanto o caso da nossa relação inter-faculdades. Mas isso não elimina o facto de, frequentemente, os programas de cooperação norte/sul se traduzirem em subversão pela submissão, numa relação quase que num só sentido. É como se o dinheiro servisse apenas para calar o amor-próprio a sul e despertar a norte a curiosidade especialística da investigação experimental. Mas, mesmo que assim tivesse de ser, a verdade é que Roma construiu mais pontes de cumplicidade entre a Sapienza e a Mártires da Machava.

Todo o resto de tarde serviu para moer as pernas nas calçadas de granito e alimentar a curiosidade. A noite caiu, pesada. Mas foi a

primeira noite verdadeiramente nossa. E já ia alta quando o cansaço se espalhou pelos sofás e colchões da nossa minúscula nova morada.



11 depois do desastre, a repartição que abre e fecha à mesma hora



Os nossos hábitos de higiene trouxeram-nos alguns problemas. Um deles foi a discussão recorrente sempre que era preciso conciliar a utilização dos equipamentos sanitários, face às necessidades que surgiam interpestiva e simultaneamente, o que confirma essa variante do velho ditado que diz que "numa casa com um só dabiliucê, todos se zangam sem saber porquê"; o outro problema foram as infiltrações que começaram a aparecer no apartamento de baixo, um mês e meio depois. Discutida esta questão, chegámos à conclusão óbvia de que não era plausível que uma casa de banho europeia, planificada para quatro pessoas, pensada para uma frequência comedida de banhos semanais ou semi-semanais, aguentasse a pressão inesperada de seis marmanjos moçambicanos traduzidos em seis e mais banhos diários, como se estivessem, sem desodorizante, a dois passos de um qualquer riacho pronto a recebê-los à mínima manifestação olfactiva do seu próprio e natural suor. Só os nossos conselhos de arquitectos ao senhorio permitiram encontrar argumentos para acalmar o protesto dos vizinhos por essas infiltrações moçambicanamente espalhadas pelo andar de baixo.

Ansiosos de sono, de cansaço e da grappa do café do outro lado da rua, a noite caiu pesada e definitiva com uma última tarefa por realizar. Era preciso despir as várias peles de roupa que proporcionavam o conforto físico tirado a ferros na estação invernal italiana. Quem me dera poder estalar um dedo e ficar nu, pronto para receber o pijama de flanela... Evitaria a perda de tempo de

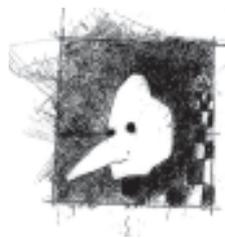
me decapar ao frio, peça por peça, até chegar à pele verdadeira que me cobre de preconceitos. É mesmo uma maçada, esta de ter de despir cinco peças de roupa leves que poderiam ser substituídas por apenas duas mais pesadas, adequadas e quentes. Mas isto também não se resolve com um simples estalar de dedos em bolsos vazios. No dia seguinte esperar-nos-ia a famigerada bicha para o banho matinal, entre reclamações e amuos, abrindo-se inúmeras oportunidades de zanga por tudo ou por nada. E a oportunidade seguinte de discussão acesa surgiu com a burocracia para a obtenção da autorização de residência. Burocracia à italiana, claro!

Disseram-nos que, sem autorização de residência, e caso a polícia nos apanhasse na rua sem passaporte, iríamos parar à cadeia. É evidente que isto não estava nos nossos planos. Mas podia ter acontecido. Depois de um desastre em que involuntariamente se envolveram dois dos colegas, quando um carro que vinha em sentido contrário bateu lateralmente, com uma certa violência, no táxi que os levava, contentes e ansiosos, a uma discoteca. Enquanto se refaziam do choque, e quase acto contínuo, parou um carro da polícia para tomar conta da ocorrência. Parecia um escritório ambulante. Com todo o equipamento essencial que o caracteriza. Tinha computador, impressos, plano de apoio para escrever e um monte de perguntas para responder. Responderam-nas perante a eficiência e uma estranha dose de compreensão dos agentes da ordem, pouco comum entre nós. Tiveram de fazer de conta que não lhes tinha acontecido nada, que as dores que sentiam eram coisa de uma imaginação alucinada, que estavam todos bem, que não precisavam de cuidados médicos. Mais do que isso: utilizaram o argumento da pressa em chegar ao destino para rapidamente abandonarem o táxi e a polícia, como se fossem os culpados do acidente. Não fosse o agente ter um assomo de ná disposição e exigir os passaportes que um deles se esqueceu em casa e os atestados de residência que ainda não possuíamos.

A queixa pela perna contundida deixou-a o Lage para o remanso do lar. E lá se foi uma das poucas oportunidades de se darem o gosto ao pé.

Para obter as tais permissões de residência, era preciso estar às sete da manhã no departamento da polícia que trata destes assuntos. Avisaram-nos que tínhamos que chegar às sete em ponto, porque os portões fechavam por essa mesma hora. O Paulo recomendava pontualidade e respeito pelo conselho que nos foi dado. O Lage repetia que era impossível que uma repartição abrisse e fechasse no mesmo instante. Eu, cá por mim, consolava-me com a justificação de ser coisa de italiano. Coisa imprevisível, claro! Instalou-se a discórdia nas nossas hostes, protagonizada pelos dois colegas em disputa de razões e apoiada em silêncio, pró e contra, pelos outros quatro, para equilibrar a disputa e evitar a elevação dos ânimos. Havia razões de bom senso para que não acreditássemos que uma repartição abrisse e fechasse à mesma hora. Mas, como não estávamos no domínio do bom senso, aconteceu a confirmação do inesperado, para gáudio do Paulo: o portão do departamento policial para obtenção de permissão de residência abriu mesmo às sete da manhã e, acto contínuo, fechou logo que passámos a cancela, lá para as sete e cinco. Estava confirmada a imprevisibilidade quanto ao que poderia acontecer-nos enquanto estivéssemos em Roma.

12 o metro, a aula de rua e a curiosa romana



As nossas aulas eram quase ao fim de semana. Sextas e sábados. O resto era andar, andar, andar em consultas, visitas de estudo e convites de confraternização. De monumento em monumento, de cidade em cidade, de comboio em comboio, de museu em museu, de casa em casa. Só não andámos de compra em compra, como as nossas famílias e amigos gostariam que fizéssenos. Mas acabaríamos por levar muitas lembranças na nossa bagagem imaterial de novos-eruditos: manuais, livros, roteiros, folhetos, cartazes, revistas e algumas poucas prendas de duras poupanças feitas a contragosto

O metro passou a ser um facto omnipresente na nossa vida. Será esta a má sina inconfessável dos civilizados ocidentais? Andar debaixo da terra uma boa parte do seu dia? A verdade é que esta parte da cidade, a cave urbana, está mesmo a apetrechar-se de todos os elementos que caracterizam o céu aberto. Viaja-se com música ao vivo, com tonalidades que vão desde a balalaica russa à flauta dos Andes, balalaicas e flautas de esmolhar, "emigradas" de longe. Bugigangas e utilidades de todo o tipo equipam os átrios e túneis de acesso das estações sombrias. Escadas rolantes aos pares conduzem como que fiéis ao altar do deus-carnuagem. Através de naves inclinadas para baixo, repletas de gente. O culto é ir de uma estação a outra, mudar de direcção, correr de novo, tomar outra carnuagem e seguir em frente. É o ritual do vê-se-te-aviais. Os magotes de gente movem-se como um corpo uno. Alargam-se entupindo as bocas dos túneis e espremem-se, filiformes, silenciosos e cegos, adaptando-se à forma longilínea dos túneis subterrâneos.

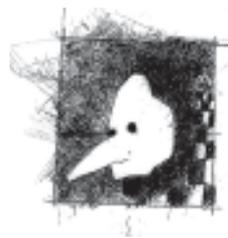
A atenção que nos era prestada pelos nossos professores e colegas italianos foi tal que nunca soubemos o que nos aconteceria no momento ou no dia seguintes. Talvez tenha sido por isto que, na nossa percepção, o programa de curso fosse algo que ia acontecendo sem aviso prévio. Poder-se-ia dizer que estávamos num desprograma de aperfeiçoamento, o que soa muito bem na gíria desconstrutivista. Tudo ia acontecendo mais ou menos imprevisivelmente, ao sabor da simpatia e da generosidade dos nossos palestrantes. Foi difícil saber, nos primeiros dias, qual seria a aula do dia seguinte. O professor que chegasse primeiro levava-nos para si. E aquele que chegasse mais tarde por falta de informação, ou por outra falta qualquer, zangava-se com o colega por interpostos alunos – nós – e despedia-se cordialmente, marcando a sua vez para o dia seguinte. E nós, invariavelmente, dizíamos que sim, que não havia problema nenhum, que estava tudo bem. Na realidade, estava a ser para nós um programa curioso, excitante, altamente flexível e de baixo custo. Apenas com um inconveniente: é que, de aula em aula, de visita em visita, de cortesia em cortesia, de jantar em jantar, acabávamos sempre por chegar a casa lá para as onze da noite. Para quem tinha de estar de pé às seis da manhã, essa rotina constante de ausência de um mínimo de rotina era verdadeiramente desgastante, para além de nos desenhar no rosto um permanente bocejo. Estávamos a ficar moídos, tortos do peso das mochilas às costas e aos ombros, moles de cansaço, cozidos de frio. Na nossa mente, ia-se construindo, devagarinho, a ideia de que um dia desses o conjunto de nós os seis daria um bonito prato de spaghetti.

O Professor Corva já esperou muito por nós. Mas não se cansou. Era uma aula prática de representação gráfica, centrada na problemática dos levantamentos arquitectónicos. Conhecemos máquinas sofisticadas que substituem a mão humana, no rigor e na rapidez. Experimentámos, em plena rua, técnicas de ponta de medição de edifícios. E, enquanto espreitávamos, um de cada vez,

pelo visor do aparelho, chegou-se a nós uma senhora que passava ao acaso e abordou-nos com simpatia. Queria partilhar do que estávamos a fazer. Pensava que se estivesse a realizar um filme ou, pelo menos, que se tratasse de uma visita guiada à cidade de Roma, em que a assistente do nosso professor era a cicerone. Ficou ali connosco a ouvir calmamente a aula, até que percebeu que se juntara a um grupo errado, interessado em coisas absolutamente incompreensíveis. Não sairia em nenhum écran de cinema, nem ficaria a saber nada mais sobre a cidade. Foi-se embora pedindo desculpas e explicando, com um à vontade tipicamente romano, que era muito curiosa, que gostava de saber tudo sobre a cidade, que não a levássemos a mal...



13 o oriente é vermelho? ou simplesmente sábio?



Outro dia de aulas veio em sobressalto. O despertador não tocou, o descanso não se satisfez, o silêncio prolongou-se pela madrugada alta, como chamávamos a essas manhãs de inverno. Correu-se para o metro, correu-se para a troca de linha, correu-se para o Instituto. Correu-se, correu-se... Mas a preparação da aula não tinha corrido. Só um quarto de hora depois do nosso atraso é que ela começou. Mas isto não é o que interessa, porque não estávamos preocupados em sair das aulas no horário que, aliás, nem sequer conhecíamos. As aulas eram suficientemente interessantes para nelas nos termos deixado levar, sem dar pelo tempo. Assim aconteceu com a palestra do Prof. Bruschi sobre a planificação nos países africanos, tendo como fundo a sua experiência em Adis-Abeba e em Maputo. Foi suficientemente interessante para nos destravar a língua. Não há dúvida que se conhece melhor o que se vive.

No dia anterior, tínhamos reconstatado essa verdade lapalissiana de que a forma dá forma ao espaço arquitectónico, mas a arquitectura não se esgota na forma. E, com essa mesma base de raciocínio, estávamos então a ver que o planeamento urbano deve resultar de uma atitude aberta e dinâmica de compreensão e ordenamento consensual do espaço do território para a actividade humana. Deve ser muito mais isto do que um desenho acabado e final que distribui funções e intenções, sempre pouco previsíveis e presunçosamente assumidas como inquestionáveis, em mapas e gráficos mais ou menos coloridos. E alguém interrompeu: "Queres tu dizer que não há técnica nem ciência nisso? Queres tu dizer que

os planificadores urbanos devem limitar-se a ser como que facilitadores de seminários com o tema "O queremos que a nossa cidade seja"? Se é assim, então devíamos estudar técnicas de direcção de reuniões; e o problema da mediação (e até mesmo da manipulação) das vontades resolvia-se, resolvendo-se automaticamente o plano". E por aqui andamos até que nos certificássemos que não tínhamos de mudar de profissão.

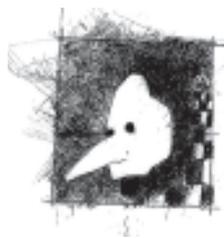
Nessa tarde assistiríamos atónitos a duas conferências de dois professores de arquitectura de uma universidade de Pequim. Interessantíssimas pela objectividade da exposição, contraditoriamente impregnada de um fundo cosmogónico e cultural dificilmente compreensíveis para nós. Falaram sobre a pintura e a arquitectura contemporânea no seu país. Era como se estivesse num 'triálogo de surdos' entre chineses, italianos e moçambicanos. Sem julgar o mérito das exposições, queremos apenas sublinhar o seu carácter intrigante. Foi possível voar sobre séculos de pintura chinesa, reduzidos esquematicamente a pouquíssimas correntes claramente diferenciáveis. Como o tempo é contínuo e simples na China! Quanto à arquitectura contemporânea nas grandes cidades, passaram-nos pelos olhos edifícios inaracterísticos, de qualidade arquitectónica duvidosa, copiando os mais óbvios modismos dos arquitectos da América ou da Europa. À provocação de um participante italiano sobre se a China estaria a deixar-se contaminar pela arquitectura da moda do Ocidente, o chefe do grupo de professores chineses respondeu impassível que sim, que o faziam voluntariamente, que isso era necessário para apreenderem as técnicas ocidentais de que bem precisavam, que não se importavam de serem contaminados nesse aspecto, etc, etc. Desamada ficou uma boa parte da plateia com a aparente convicção e serenidade chinesas. Mas a alguns de nós a resposta não pareceu tão estranha assim. Sou-nos mais a ironia do que a resposta propriamente dita. Acto contínuo, o Pires

sussurrou-me: "Só se deixa contaminar voluntariamente quem sabe que tem um sistema imunitário suficientemente forte".

Foram uma conferência e uma lição no mínimo estranhas. A uma outra pergunta feita por um de nós, explicaram-nos que não nos podiam explicar os critérios para escolher uma boa localização de um empreendimento importante. As escolhas eram feitas por outras vias, não entendíveis por nós, nas quais pontificavam os caminhos do espírito, as máximas cosmogónicas, as experiências da tradição. Explicaram-nos que a história da arquitectura chinesa se poderia perceber, em geral, "pela contribuição da classe dos funcionários no que respeita ao urbanismo; pela contribuição da classe dos letrados na concepção do espaço e do ambiente; pela contribuição da classe dos artesãos na construção". Parece que agora se acrescenta também a contribuição estilística e a personalização 'doentia' do pós-modernismo ocidental. Repetem-nos que é a necessidade da abertura ao mundo, da afirmação e da modernização aceleradas do seu país... Como é útil saber-se olhar cem anos à frente! E quem é capaz de fazê-lo melhor do que os chineses?



14 a arquitectura muçulmana e Roma poluída pela luz



Aqui vai um dos aspectos fundamentais da nossa aprendizagem: os organizadores do curso não se limitaram às matérias comuns no seu meio cultural, mais dominadas por eles, mais fáceis de expor. Nem se refugiaram naquele eurocentrismo obtuso a que estamos habituados. Aproveitaram todas as potencialidades ao seu alcance para nos alimentar o intelecto com problemáticas de interesse para a natureza do nosso país, mergulhados nas intersecções que o Índico proporciona. Outro bom exemplo desta postura foi a palestra dada por um Professor da Faculdade de Arquitectura de Pescara e pela Prof. Arq. Mavash Alemi, iraniana com naturalização italiana. Falaram-nos da arquitectura islâmica em geral, da sua tradição na Líbia e no Irão e dos resultados do uso de referências da tradição na arquitectura moderna. Uma elucidativa aula de demonstração da impossibilidade de se aplicarem padrões estranhos para avaliar a qualidade das culturas, como nos fora imposto por uma educação sectária na sociedade colonial, na qual "a qualidade e o saber" só existia nas "coisas" da tradição judaico-cristã e, quanto mais para Norte, melhor se seria. É evidente que o problema não está nesta tradição propriamente dita. As tradições culturais valem por si sós e não têm culpa dos juízos dos homens, sobretudo quando esses juízos servem desígnios de poder. O problema está no sectarismo e nas falsidades em que nos enredaram desde meninos.

Deliciámo-nos com dissertações muito sugestivas sobre a ideia do tecido urbano islâmico e seu modo de construção, a sua ordem na

vertical e a horizontal, o carácter dos espaços interno e externo, as funções privadas e colectivas, a sua utilização. Reforçámos o conhecimento sobre a importância dos espaços abertos, incluindo os pátios (e não a rua), como elementos estruturantes e unificadores do continuum que caracteriza o tecido urbano da sociedade islâmica. Dissecou-se a função do pátio como elemento regulador da habitação, a construção e o funcionamento das 'torres de vento' como unidade de ventilação e refrescamento das casas, a colocação a norte dos espaços de convívio, a migração da família pelos compartimentos à volta do pátio consoante o clima ao longo do ano, o fechamento das paredes perimetrais em relação ao espaço público como se de um véu feminino se tratasse, a magia da água como fonte de todos os confortos e, no domínio dos exemplos, agradou-nos a qualificação da ponte de Hischahan pelas suas três funções: "o monumento, o lugar de circulação, o elemento de prazer". Pareceu-nos muito nobre o princípio do 'prazer' como quesito de projecto das coisas urbanas, por mais utilitárias que se considerem.

Sobre Ghadames, na Líbia, foi como se andássemos, de casa em casa, pelo nível das coberturas reservado exclusivamente às mulheres e com todos os serviços a elas dedicados; foi como se estivéssemos num mundo feminino auto-suficiente, pendurado no ar, mas competentemente articulado com o andar térreo de todos os públicos.

Resolvemos que não nos gastaríamos com a descrição das aulas do curriculum. Essa seria matéria de outros cansaços, de outros relatos mais sisudos, de discursos menos livres. Fica só aqui o tema da habitação primitiva, no sentido de "primitiva", de descoberta inicial, que foi objecto de uma conferência tocante. Uma belíssima e humana tentativa de compreensão e explicação das tipologias de habitação pelo mundo. De uma forma cientificamente criativa,

integrada e humana, lidámos com "uma das mais antigas formas das preocupações do homem, o seu abrigo e, mais ainda, a sua necessidade pela beleza e expressão pessoal", como afirma Nathaniel Owings. E isto foi feito sem esquecer o carácter decisivo da contribuição dos factores ambientais. O Professor Cataldi comoveu-nos. Prendeu-nos no respeito aos argumentos das mais genuínas e simples manifestações da necessidade humana de abrigo. Desde a tenda beduína à casa tronco-cónica dos Banto, do igloo Ártico à crise do apartamento e do condomínio das sociedades, ditas desenvolvidas.

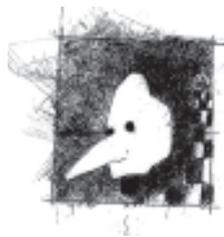
Aparentemente, nada nos foi impingido. Quando muito, um método. E era isso que nós esperávamos. Métodos razoavelmente comprovados que nos ajudam a descrever, perceber e a sintetizar a nossa própria realidade, como ponto de partida para as transformações que todos ansiamos.

Dentre as conferências em que tivemos a oportunidade de participar, fora do ambiente académico, houve uma que pendurou um grande ponto de exclamação sobre as nossas cabeças de sabichões no subdesenvolvimento. Tratou-se de uma importante ocasião em que especialistas de diversas áreas do saber se encontraram, num belíssimo hotel, para discutir os problemas da poluição luminosa na cidade. Era um problema que estava a tornar-se grave, segundo eles. Diziam que os monumentos não eram suficientemente valorizados, que a luz - em excesso e mal colocada -, estava a matar a cidade, que o néon e os escaparates de publicidade luminosa confundiam as perspectivas nocturnas, que as desigualdades de iluminação ambiente desqualificavam uns lugares e faziam sobressair sem justificação outros, que o céu de Roma deixara de ter estrelas.. Tudo por causa das opções de iluminação da cidade. Era preciso corrigir isto, travar a poluição luminosa, desencadear as vistas, regulamentar, com mais rigor e

conhecimento, a actividade de iluminação da cidade. Era urgente voltar a dar à cidade um céu estrelado. Parece-nos termos compreendido bem a mensagem da abóbada celeste de Roma. Mas ficou-nos uma grande sensação de inutilidade impossível de disfarçar, com alguns bocejos de permissão. Talvez Maputo comece a ter este problema ou venha a tê-lo. Não há dúvida que nalguns pontos da nossa cidade as estrelas estão a fenezer. E eu que pensava que fosse por outras razões bem mais comuns do que a poluição pela luz! Por exemplo, falta de dinheiro, ignorância, desinteresse, incompetência, roubos.. Quem sabe se a falta de estrelas no céu não tem também uma boa dose de analfabetismo, já que esta é a paraceia para explicar tudo? Se hoje fosse possível meter nos programas de cooperação um pouco dessa luz romana excedentária para a nossa capital, com certeza que seria difícil encontrar alguém a quem viesse à cabeça o futuro efeito nocivo de um céu demasiadamente iluminado. Bastaria o argumento da segurança dos lares e o mar de negrume que envolve as periferias urbanas para calar qualquer veicidade de erudição neste domínio. Enquanto dissertávamos sobre essa possibilidade, o Onions acabou com o assunto com uma máxima bem verdadeira: "Não é certamente por falta de iluminação que as nossas vidas estão cada vez mais às



15 Basílica e área arqueológica de S. Clemente



esuras!”

Foi nas andanças pela cidade que obtivemos o melhor material de campo para os exercícios práticos de raciocínio que nos ajudariam a discutir e consolidar os princípios teóricos que íamos colhendo nas palestras e nas conversas com os professores.

S. Clemente! Cá está um espaço de aprendizagem e divagação enriquecedoras, como nenhuma sala de aula poderia sugerir tão vividamente. Também é daqueles espaços onde caberia com perfeição um romance diacrónico inspirado na antropologia cultural. Cruzar-se-iam num mesmo sítio gentes, saberes e hábitos de tempos diferentes calcorreando um edifício de 14 metros de altura, nível arqueológico mais baixo ou mais moderno conforme se descesse ou subisse no interior desse pequeno mundo. Os personagens mais velhos do romance estariam com as roupas chamuscadas pelo incêndio mandado atear por Nero em 67 d.C. Com eles, interagiriam revolucionários da primeira fase do cristianismo conspirando em catacumbas; devotos mitríacos entrando e saindo da sala de banquetes rituais depois de uma vénia ao altar com o relevo de Mitra matando o touro; hordas raivosas de normandos comandadas por Roberto Giscard no frenesim de destruição da primeira igreja erigida no local; monges medievais silenciosos, artistas barrocos feéricos, donas oitocentistas afogueadas nos espartilhos da moda recebendo, para os seus desmaios de bom tom, o apoio de operários de restauro dos primeiros decénios do século dezoito. Poderíamos também chamar

à estória turistas americanos apressados, gente dos nossos dias que, como nós, demandassem o lugar por mera curiosidade, estudo e reflexão de tipo meramente acadêmico. Seria um romance literalmente escrito de baixo para cima.

Com efeito, a partir de S. Clemente vimos o lado poeticamente macabro de um imperador romano, ao longe, inspirando-se nas chamas que limpariam o lugar para novos voos arquitectónicos; percebemos os novíssimos protestos dos seguidores de um cidadão revolucionário judeu, clandestinamente erigidos a religião universal; assistimos às invasões dos bárbaros do Norte; roçamos pelas túnicas, já constituídas como poder, dos monges da Idade Média; e cutucámo-nos em artistas atarefados e artesãos a dar nova face ao conjunto, a levantar um novo campanário no século XVII, a construir as capelas do Rosário, de S. Cirilo e de S. Domenico, a juntar novos frescos à decoração parietal, e a acrescentar um pórtico e uma nova fachada em pleno século XVIII, no átrio com quadripórtico já existente desde o século XII.

O processo de construção na área arqueológica de S. Clemente começa provavelmente no século primeiro, eleva-se pela basílica paleo-cristã, sobe pela basílica medieval e avança pelas aposições do período clássico. As intervenções prosseguem pelo barroco e, de repente, eis-nos nos nossos dias, em pleno átrio do nível superior do complexo, catorze metros acima do nível inferior, a comprar os guias e brochuras mais elucidativos, à distancia de um simples grito em relação ao bulício romano prestes a mergulhar no terceiro milénio d.C.

A Basílica de S. Clemente vale muitas reflexões, cada vez mais fundo, em pleno chão de Roma. A acção destruidora ou edificadora do Homem criou, ao longo dos tempos, o vazio e o cheio indutores de impulsos de intervenção: para recolocar novas

marcas ou para reconstruir, rearranjar e modificar o construído segundo os cânones de cada época. E assim, no mesmo sítio, localizado no fundo do vale entre as colinas Oppio e Celio, depois do arrasamento causado pela excentricidade incendiária de Nero (parece ter sido assim), foram-se sucedendo intervenções construtivas umas sobre as outras, umas com as outras, umas contra as outras. É como se o vale se fosse enchendo naturalmente, passo a passo e gosto a gosto, com a sobreposição de novos edifícios, não se notando por isso, grandemente, uma excessiva sobre-elevação da construção subsequente.

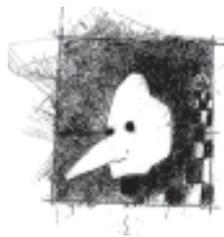
Bem haja o padre Mullooly e os Dominicanos Irlandeses, cujas escavações começadas no século passado permitiram que hoje se conheçam três níveis diferentes de abordagens arquitectónicas, no mesmo sítio em que se ergue a actual basílica. No nível mais profundo, passeamo-nos entre o séculos I e os séculos III/IV; no nível intermédio, poros as mãos entre os séculos III/IV e o século XII; no nível superior, temos os olhos correndo pelos séculos XVIII e XX, por entre a decifração de aterros, alterações, acrescentos, redorações, reutilizações e restauros relativamente recentes. Se não se tiver um olhar de especialista coca-bichinhos, o conjunto parece uno, coerente, integrado, apesar de ter resultado de obras saltitando de época em época, de restituições, reconstruções e construções novas de modas e gostos diferentes, mas sempre no mesmo lugar. O tempo acabou por polir as pedras de tempos diferentes, solidarizando-as pelo desgaste. Não será esta a sina de todas as arquitecturas? Não será isto um bom tema para provocar a verve e contestar os dogmas dos puristas da integração, segundo os quais as construções novas devem espartilhar-se no respeito estrito pelas velhas construções dos ambientes arquitectónicos preexistentes? Pois encontramos aqui exemplos de integração arquitectónica por mimetismo e, inversamente, por contraposição. A construção lá se foi desenvolvendo ao sabor dos séculos, da

evolução técnica, dos gostos e da moda.

S. Clemente foi um dos melhores momentos de activação do raciocínio, pela colocação da dúvida e da hesitação no lugar onde se estavam a cristalizar certezas aparentemente inabaláveis. Nas imposições da topografia, nem o respeito cego pelo preexistente, nem a excelência funcional ou estética são os únicos elementos de uma arquitectura 'durável'. Também as políticas, as ideologias e os gostos, a arrogância e o poder, a ignorância e a insensibilidade podem matá-la, desfigurá-la, transfigurá-la ou, simplesmente, fazer da arquitectura um jogo ou um instrumento para utilidades diversas. Quiçá, é isto que transforma a arte de modelar o espaço num domínio de acção tão interessante, tão humano e, também, tão difícil de caracterizar. Será que isto quer dizer alguma coisa? Cá está um resultado claro da perplexidade em que este monumento,



16 EUR, a exposição que não foi



fundamentalmente paleo-cristão e medieval, nos afundou! É justo que se refira que os passeios pedagógicos por Roma não se ficaram pelos exemplos de arquitectura com qualidade inquestionável, se é que tal existe. De resto, tínhamos que encontrar alguma coisa que contrabalançasse uma certa sensação de pequenez que as visitas de monumento em monumento nos estavam a criar. Qualquer coisa que desse corpo a esse slogan da "Europa invejosa que constrói maus caminhos", como diz uma canção da guerrilha moçambicana. Qualquer coisa que redimisse o nosso orgulho de sermos gente do mundo, igual a qualquer outra, com defeitos e virtudes próprias da condição humana. Qualquer coisa que mostrasse, na prática, que a ideia das civilizações perfeitas só serve para alimentar processos utilitários de exclusão.

Eis-nos perante o mastodóntico EUR. Um "bairro" de celebração, construído como palco da Exposição Universal de Roma a ter lugar no primeiro quinquénio dos anos quarenta, em pleno período mussoliniano. É claro que a Segunda Guerra Mundial do ocidente levou ao seu boicote ou, por razões que parecem óbvias, não permitiu que tal exposição se realizasse. Mas as doras continuaram, creio que até ao fim da década de cinquenta.

O EUR é hoje um "bairro" dos arredores próximos de Roma. Com todas as receitas das arquitecturas laudatórias dos poderes que se querem exaltados. Eixos e edifícios monumentais, colunatas infundáveis, escada de gigantes, frio, muito frio entre resgasmitigadas

de sol. E muito vento canalizado pelas vias de penetração e atravessamento. E muita impessoalidade escoando pelos passeios calçotados. E muitos espaços abertos e vazios, sem nenhum convite para o capricho da simples contemplação. E um obelisco numa praça, com uma única serventia: a de servir-nos de ponto de referência para o encontro com o nosso respeitável guia. Um obelisco romano, e não do Egipto ou de Axum, como seria de bom tom, caso ainda houvesse colónias ou campanhas em África. E dir-nos-iam que ainda bem que foram trazidos para a Europa para garantir a sua preservação, facto que não aconteceria se ficassem nos países de origem. Pois foi junto a um dos famigerados obeliscos de Roma que me veio à memória a minha triste passagem sob a falsa "Porta de Istar", de visita a Babilónia. Falsa, porque a verdadeira foi levada para Berlim, tijolo a tijolo. Ficaria melhor preservada sob o tecto de um museu alenão do que sob o sol impietoso do deserto iraquiano ou dos bombardeamentos da Guerra do Golfo. Há sempre argumento para tudo. Até para factos que têm um cheirinho a pilhagem.

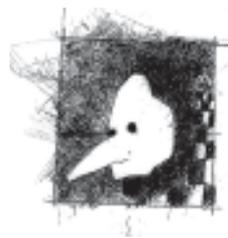
Contaram-nos que o que eram propostas inovadoras de projecto para o EUR não chegaram à mão dos construtores. Ficaram na gaveta das apreciações ideológicas.

Mas nem tudo foram espinhos. Visitámos o Arquivo Central do Estado acompanhados por dois dos arquitectos que conceberam a sua recente reabilitação. Descreveram-nos com entusiasmo cada pormenor do rearranjo da biblioteca, do espaço de arquivos, do auditório. Tinham explicações para cada pormenor e todas elas se inseriam num conceito global. Isto, já de si, resulta na qualidade da coerência. A sua emoção contagiou-nos. Demos connosco a dizer que sim com a cabeça e a elogiar em surdina a honestidade dos projectistas. A arquitectura pode não ser de grande efeito ou novidade; mas, quando a honestidade está nela impressa, produz quase sempre no observador um sentimento de simpatia e

compreensão. Sobretudo se a eficiência se juntou à honestidade. Do Arquivo Central rumámos ao Museu da "Civilização Romana", exaustivamente exposta num imenso edifício, com a entrada principal ladeada por colunas colossais, sem dúvida colocadas ali para esmagar qualquer simples ser humano. Corremos para o átrio interno para não ficarmos enparedados entre o peso das paredes e a altura inusitada das colunas redondas. O frio e o vento são uma constante "bem conseguida" pela desprotecção dos espaços desproporcionadamente desumanos. Durante horas passamos em revista factos e personagens importantes da Roma imperial e de civilizações precedentes. Perante nós, desfilaramestátuas, bustos, casas de habitação, modos de viver, utensílios de uso diário, modelos, representações de batalhas, armas. Vimos gente simples de milénios atrás em actividades diárias comuns e gente nobre como seu ar enfiado e altivo. Salas e salas, umas atrás das outras. Enganos e mais enganos em relação ao percurso certo. Finalmente, desembocámos num salão em que se reproduz a Roma do final do império através de uma maquete imensa e meticulosamente descritiva da cidade. Filas de alunos debruçavam-se sobre o parapeito circundante ao fosso em que se desenvolve o modelo reduzido da Roma antiga. Tinham um ar de espanto no rosto. É claro que todo aquele conjunto de miniaturas fazia as delícias de qualquer petiz. Talvez mais tarde, na idade adulta, venha a ser um dos ingredientes do orgulho pátrio de que as consciências nacionais tanto precisam para manter alta a chama da afirmação de cidadania. Não há dúvida que a importância de um país tem 'ainda' muito a ver com a importância e a veneração com que os seus próprios nacionais o vêem.

Uff! Acabou a visita, recolhemos a documentação que nos pareceu pertinente e rumámos à Praça do Capitólio.

17 o Campidoglio regenerador e os vigilantes xenófobos



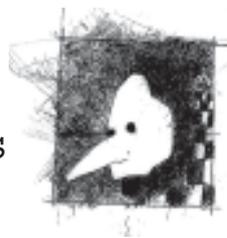
Estava finalmente recuperado o equilíbrio perdido no EUR. Recuperámo-lo engolidos pelo génio do traço de Miguel Ângelo, recuperámo-lo face às extraordinárias esculturas do Museu Capitolino, recuperámo-lo dentro da exposição itinerante dedicada a Matisse. Foi quase instantânea a empatia que se gerou entre nós e o pintor francês. Num dos seus escritos dizia ele: "A revelação veio-me do Oriente". É uma frase que tem um sentido familiar para nós. De facto, há em Moçambique muitas realidades que só o Índico nos explica, no sussurro das suas brisas de leste.

Vale aqui referir um pequeno atrito que, no entanto, não foi suficientemente forte para ensumbrar o prazer por Matisse. Soubemos na noite anterior, via TV, que, num acto tresloucado, alguém violara à facada uma das telas da exposição. Mas nunca nos passara pela mente que pudéssemos ser olhados como outros potenciais violadores! Aconteceu exactamente isso. A atenção que os vigilantes puseram em nós e os conselhos e reparos que constantemente nos dirigiram só podiam ser um sinal de que qualquer estranha desconfiança pendia sobre a nossa sanidade mental, sobre o nosso comportamento de estrangeiros do Sul, sobre o aspecto diferente que, eventualmente, ostentávamos. Pelos vistos, a diferença é sempre motivo de desconfiança e receio dos homens e dos bichos. Com pena e irritados, abreviámos o nosso deslumbramento, calámos a voz da emoção indignada e regressámos a casa para dar vez à voz da barriga. Esperava-nos uma meia-dúzia de costeletas. O cansaço fez a divisão de tarefas.

Seriam meticulosamente temperadas por um de nós, fritas por outro e acompanhadas por uma razoável pasta preparada temperamentalmente pelo mesmo especialista, o Lage. Digo temperamentalmente porque o autor, entre resmungos, logo nos obrigou a comer para não arrefecer, mesmo com o molho não suficientemente apurado. Resultado: má digestão e gaseamento dos quartos. Um petisco pela noite fora.

Antes de esticar os lençóis sobre o corpo cansado, procedi ao ritual de leitura do texto preparado para aprovação dos meus colegas. Recebo imediatamente um coro de reclamações. "Não se pode passar assim tão ao de leve sobre o primoroso desenho seiscentista da Praça do Capitólio", diz o Lage, logo corroborado pelo Pires e secundado, momento após momento, pelo Paulo, pelo Sidat e pelo Onions. E o Paulo acrescenta com a sua ironia de galã descontraído: "Oh Júlio! Confessa lá que exageraste. Então passas de raspão pelo retrato da 'Mulher Flávia', olhas de relance a 'Vénus Esquilina', quase ignoras a 'Vénus Capitolina', e tudo isto só para chegares mais depressa à cozinha do apartamento? Parece que o EUR e os vigilantes da exposição do Matisse te esvaziaram completamente o estômago! Vai com calma, pá!" O Pires insiste atirando-me os inúmeros bustos da sala dos filósofos e o magnífico exemplar do 'Gálio moribundo'. O Lage reitera a indignação, lembrando-me o 'Spinario', a escultura do século I retratando um miúdo tirando um espinho do pé. O Onions lembra-me o 'Mosaico das Pombas', que sobrou dos tempos áureos da Villa Adriana. O Sidat atira-me com a cabeça da medusa e a escultura do século III de 'Alexandre Severo caçador', depois de fazer um discurso sobre a 'Loba Capitolina'. E eu, cansado, já sem raciocínio para tanta coisa, com uma história da civilização cada vez mais estranha a martelar-me na cabeça, cada vez mais distante do estômago cheio e do sono atormentador, fiquei na minha. Não conseguia ver mais nada. "Ou escrevem vocês e continuam depois a conversa, ou vou para a cama!" E fui.

18 Mama B, e os expedientes embaraçantes dos habitués de Sta. Cecília



Não é só a história que se visita. Temos os dias do nosso tempo, e até do nosso espaço, para olhar: o tempo e o espaço das nossas gentes, da gente que nós somos. Esta era a outra das artes do nossos mestres. Darem-nos o nosso próprio mundo quando dele mais precisávamos. O Francesco para lá nos levou. E entrámos num turbilhão de emoções. Dísparas e indescritíveis como o espaço que nos acolheu na Via XX Settembre. Emoções que só é possível viver, embora a seu próprio modo, quando se está numa catedral gótica, num palácio renascentista, numa evocação negra dos antepassados, ou na casa de um artista. Sim! Estávamos em casa da Mama Bi, como ela se nos apresentou. A Bertina. A pintora moçambicana ou de Moçambique, conforme quiséssemos olhá-la. Uma personagem celebrada em muitos ventos.. Mas não era a celebração que nos interessava. Era uma certa cumplicidade na mentira partilhada sobre um prato tipicamente moçambicano, que não o era. A sua postura perante o mundo, o seu imaginário delirante, o poder da truculência, da invenção, da ilusão, da criação sobre qualquer assunto.

Pairávamos num apartamento avarandado de Roma, com a cúpula de S. Pedro ao longe e as piadas lilases sobre o Papa, ao nosso alcance por uma fresta de imaginação. Foram sete horas e meia de Bertina. Na irreal verdade da pintura. Desfiava-se pelo átrio, escorria pelo corredor, insinuava-se no quarto e na sala, vazava-se dos álbuns, subia as paredes, apertava os sofás, impregnava o ambiente, desaguava na casa de banho e afogava-nos inteiramente.

Era a personalidade da pintora a engolir-nos. O resto seria do domínio do prosaico. Dizer mais qualquer coisa sobre quem conhecemos, com quem convivemos, seria entrar na futilidade do mundano. Esta era, no entanto, outra faceta interessante. Juntavam-se ali, nessa catacumba pendurada nas alturas, pessoas das mais ilustres dos nossos países, misturadas com outras das mais normais. Nas fotografias, nos dizeres sobre as paredes, nos objectos oferecidos. E a pintora amalgama-as, solidariza-as, junta-as. Convivemos com senador, juiz, jornalista, e outros ilustres personagens roendo as unhas diante de um jogo de futebol televisado. Não se podia falar mais alto do que o aparelho. E quem dissesse mal do Roma ou do Lazio (sei lá de qual deles), era fuzilado por vários olhares honráveis.

Não foi só uma vez que a casa da Bertina nos confortou à sua maneira irreverente. Passaríamos por lá mais vezes e de lá levaríamos, como espírito saciado, pacotes de comida à boa maneira africana. Era a comida, não comida, que nos permitiria poupar a carteira e o esforço das lides com o fogão da nossa Via Damasco.

Voltámos para casa com a noite no pico. Exhaustos de cumplicidade, tensos de saudade, magoados de champanhe, gole sobre gole de contentamento e de celebração. Era preciso esquecer todo aquele frenesim da Mama Bi. Os dias seguintes tinham que ser cantados noutra tom. E assim se fez. Acalmámo-nos na 'atmosfera' siderante do Panteão antes de outras excitações, seguindo o fecho de luz movendo-se ao longo do dia pelo cilíndrico espaço encimado por uma semi-esfera vazada superiormente, deambulámos de cabeça no ar pela espiral da Coluna de Trajano, jogámos a um 'esconde-esconde' imaginário por entre as pedras do Fórum espalhadas vários níveis abaixo da estrada, escutámos urros dos leões desorientados nos circulares espaços do Coliseu, cumprimentámos o Arco de Constantino, reaquietámo-nos no equilíbrio calmante da Praça

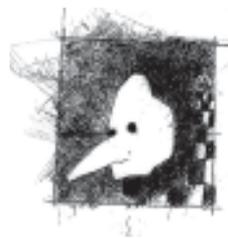
Navona, na ilusão calculada do espaço barroco de Sto. Inácio de Loiola, no tortuoso fundo de pedra bordada da Fonte Trevi... Até a tarde se afogar para lá do horizonte. De noite fechámos o ciclo de apaziguamento com a música da Academia de Santa Cecília: "Júpiter" de Mozart e "Edipo Rex" de Stravinsky.

Não foi só de atitudes elevadas que se fez o dia. A primeira fila, na sala de concertos, ganhámo-la com truques à italiana. O nosso amigo romano comprou-nos bilhetes mais baratos para lugares relativamente distantes da cena e disse-nos. "Não é aqui que nos vamos sentar. É na primeira fila". Mas como? Os nossos bilhetes são para o balcão.. "Não se preocupem. Quando soar o sinal de início do concerto, as luzes baixam, as portas fecham-se e, se houver lugares vazios à frente, tomamo-los, com naturalidade, como se fossen nossos." E se derem por isso? "Não darão porque ninguém se atreve a entrar no concerto depois dele começar. É contra a tradição, incomoda os espectadores, é falta de respeito." E se resolverem ocupar os seus lugares no intervalo? "Logo se vê." E assim, transidos de vergonha e embaraço pela hipótese de sermos descobertos, assistimos a toda a primeira parte do concerto, até que a ausência definitiva dos donos dos lugares, após o intervalo, nos descansou. Os ânimos exaltados no dia anterior com a nossa mãe Bertina serenaram de tal modo que tivemos de arranjar outro motivo de animação. Instalámo-nos num café junto à Praça de S. Pedro e iniciou-se o tema do eterno "conflito entre o arquitecto e o cliente". Quem determina a obra? O autor do desenho ou o dono do dinheiro? Como se resolve este conflito? Através da arte da persuasão para fazer passar a construção pessoal do autor do desenho, ou através dos argumentos imperativos a tilintar do bolso de quem paga?. E vai daí que o Pires nos adverte, sem mais filosofias. "O conflito acaba depois da obra entregue. O dono olhará de soslaio, perguntará aos amigos, investigará novas modas e, pouco a pouco, fará da

construção o seu próprio ambiente. Com as cadeiras e as camas noutro sítio, com as bancas da cozinha alteradas, com os azulejos, mudados, cantando para o seu ego, ou com os quadros pendurados na sua imaginação infantil". Talvez esse seja o bom projecto, aquele que tem potencial de metamorfose, consoante quem o habite. Fica o arquitecto contente a pensar nas revistas que o vão referir, e o dono orgulhoso a ouvir o parecer dos amigos sobre o seu bom gosto.



19 Zoo de Roma: um macaco na cidade



Foi por uma leve curva, dada em conversa pela ecologia, que chegámos ao Zoo de Roma. Um antro de sensaboria e tristeza. Animais doentes e de olhar vago; cimento, ferro, alcatrão e plantas de plástico para as cobras se divertirem; um peixe quase do tamanho do aquário e uns felídeos a coxearem o seu reumático por detrás de grades. Mas o sol batia no meu banco. Aquecia-me e tudo ficava a brilhar como se o banco e eu fôssemos o centro do conforto. Mais nada senão o sol, para além da desbragada situação dos pobres animais tiritando de frio. Só o sol e o canto dos pássaros amenizavam o ambiente. De repente, um burburinho começou a elevar-se e, sobre ele, sobressaiu um chamamento. "Incrível! Venham cá ver!", exclamou o Sidat. Perante a estupefação de todos os que nos juntámos frente à jaula, estava um macaco asiático a masturbar-se. Fazia-o com os maiores requintes de perversão, acompanhando os gestos com uivos prolongados. Uma perversão que só o cativo ensina. Uma anomalia que só a maldade pode induzir, que só desinteresse cria. Passado o insólito da cena, tudo voltou ao normal: a tristeza da estagnação descuidada! Os meus colegas percorreram os espaços olhando para as montras decoradas com os mais diversos animais. Alguns eram-nos familiares, mas ganhavam ali a dimensão de coisa vencida, possuída sem escrúpulos, que se frui com a indiferença do desamor transformado em quase barbárie. É certo que, mais tarde, sabemos que uma parte da justificação do estado do Zoo era o facto de ele estar em banho-maria à espera de ser privatizado..

Se não fosse a tolerância perante os estominhos que todos os dias inundam a Praça da República, pensaríamos que os romanos não têm a cultura do 'maneio' sensato dos animais. Imaginem nuvens imensas de pássaros descendo aos fins de tarde sobre a praça. Pedacos de céu acinzentam-se com bandos informes de pássaros moldando-se ao deus-dará como uma amiba gigantesca bailando num fluido azul. O ruído de fundo aumenta e já não se sabe quem luzina: se as gaiotas à caça dos pobres estominhos, ou se os carros na histeria da hora de ponta. E, pior ainda: se não se protege o corpo com um guarda-chuva ou uma pala qualquer, fica-se com a roupa manchada do branco da caca de pássaro, que chove a cântaros. É por isso que, nas quintas-feiras à tarde, dia de folga comum para os empregados domésticos filipinos emigrados em Roma, os encontrávamos em grupo a conversar calmamente, de guarda-chuvas abertos, em frente da estação central. Com ou sem chuva, lá estavam os domésticos filipinos com as cabeças protegidas. Estranho, pensámos no início; prático e necessário, concluímos depois. Experiência própria mostrou-nos que mancha de caca seca de estominho sobre o casaco não é fácil de limpar. Imaginem um fenómeno destes em Maputo. Não haveria lições de tolerância ecológica que bastassem para preservar o espectáculo. Os bandos de pássaros desapareceriam num ápice. De medo ou no estômago da gente. Como aconteceu aos pinhos da Praça dos Trabalhadores, após a Independência. Ficou assim redimido o comportamento dos romanos perante o Zoo, esse antro de animais tão surreal, que só as seqüências irreais do 'Quinto Elemento', a que assistíramos a seguir, num cinema de bairro, poderiam secundarizar.

20 Óstia Antiga: mas que hóstia de Lições!

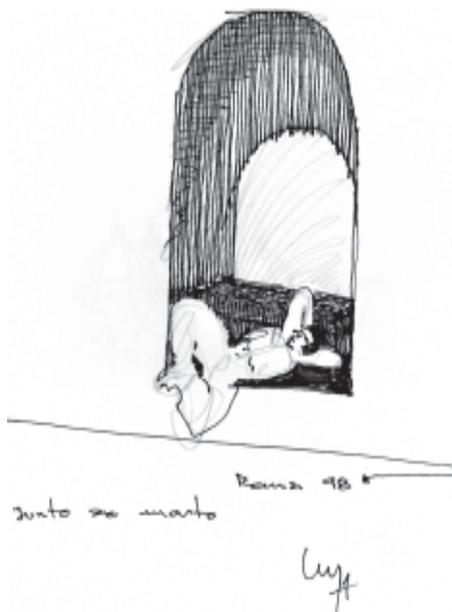


Há sempre dias de maior empatia com o que nos rodeia. Um deles aconteceu com a visita a "Óstia Antiga". Cidade imperial romana na foz do Tibre. Foi uma viagem de dois mil anos no tempo breve de três horas. Não há dúvida que se justifica que os italianos de hoje tenham em si qualquer coisa mais do que os outros europeus! Têm, sobretudo, uma civilização antiga pairando obsessiva e permanentemente sobre eles; um contacto multissecular com outros povos a impregnar seus modos; um silabar cantado de mares e ventos a bailar nos gestos.. E belíssimos mosaicos a localizar lojas de gente de vários mundos, velhas de dois mil anos, atrás da cena do anfiteatro romano de Óstia. Cada um tinha o seu lugar e negócio identificados por um mosaico expressivo. O africano, o fenício, o "bárbaro" do norte. Não admira então que os nossos professores nos cumulassem de esmero e cortesia. Apesar de seus mimos nos esgotarem, por vezes tanto quanto uma tortura. "Não será isto uma forma de nos despojarem das nossas referências?", perguntou um de nós. "É possível", retorquiu outro; " E se o é, fazem-no de uma forma agradável, culturalmente estimulante, esteticamente anestesiante". O prazer esgotante de ser bem recebido é um facto. À italiana, é certo. Um facto que transfigura toda e qualquer eventual desorganização.

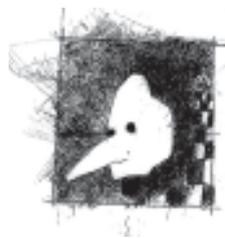
Não tinha ideia desta dimensão da Itália. A branca dimensão da transparência narcisa, do instinto de cultura, da sedução pelo saber servir, do improviso teorizado. São apenas dez ou vinte italianos que nos rodeiam. Mas é como se fossem cem. À sua maneira

artisticamente gesticulada. Hipnotizando-nos e confundindo-nos com a sua graça, o seu calculado distanciamento de 'como quem não quer a coisa'...(Bô?). E neles curvo-me perante as suas imponentes ruínas. Tinha ideia que um "Europeu" assim já não existia. Mas existe em Roma. Como, por exemplo, o professor Accasto e outros. Que tanto dissertam sobre música africana, como se esmeram no prazer da ópera, ou se entristecem na flauta índia. Por história, por cultura, por instinto de cultura e história. Porque esta Itália que vejo por todo o lado, nos bustos dos senadores de mil anos, na pintura, na escultura, na arquitectura de mestres sublimes, é uma bota mestiça: a ponta da sola tocando a África, o calcanhar acenando à Ásia, o cano a bordejar os Alpes, e o Mediterrâneo a poli-la eternamente. E nem a tez tismada, nem a carapinha adocada pelos frescos ares o disfarçam! Não é que mestiço se ja sempre coisa boa, não. É a arte do mimetismo em ambientes diversos que me fascina. Tanto se ouve Verdi ou Beethoven, como se aprecia Tito Paris, a marrabenta ou a cítara hindú. Isto não se elogia, apreende-se simplesmente na milenar continuidade do tempo, muito mais do que um prosaico doutoramento, por vezes tão estreito como estreitante. Daí os magotes de jovens estudantes americanos e japoneses no curso de férias onde o professor italiano falou de tudo e de nada. Infelizmente, o mundo de hoje não vê assim as coisas: não o vê pela magia das palavras e do pensamento subtil voando sobre os objectos, como se fosse possível a cada momento inventar um outro lado invisível dos factos. Não se vê assim o saber. Por vezes, parece valer mais um título de escassos quatro anos de prosa e métodos estreitos, do que o trabalho, a reflexão e a aprendizagem contínua de vinte. E o que é interessante é que a maioria das aulas pouco nos dizia que já não tivéssemos, de todo, intuído. E, quando o fazia, era sobre matérias apressadamente argumentadas. Não era possível mais, com o tempo que se dispunha. Na realidade, o mais importante foi a dignidade da experiência feita com as nossas próprias mãos,

tocando o tempo longínquo das pedras com nomes gravados noutras eras. Estou convencido que isto nos tornará mais independentes na verdade do saber sempre insuficiente. Era este tipo de hóstia que eu devia ter tomado das mãos missionárias, para que não tivesse agora que esforçar-me por endireitar as costas vergadas por tantos piedosos Aren(s).



21 um Titanic aflito para sesta repousante



Segunda-feira. O dia não nascera. Era como se fosse a continuação da noite de domingo. A chuva não caía: estava. Presente por todo o lado a riscar a bruma. Só o guarda-chuva do Sidat, o único, poderia proteger-me os ombros e a semi-careca, a caminho do ÍTACA. Levei-o de casa com todas as varetas presas, à excepção de uma delas. No fim da manhã, todas as varetas estavam soltas e o que restava era um trapo colorido molhado, panejando ao vento. O Sidat enfiou o barrete de um guarda-chuva efémero e desenfiou-me da protecção que eu pretendia. Fazíamos a ronda das livrarias de segunda mão e dos museus, como planificáramos para depois das tarefas curriculares. Agarrámos apenas decepções. Unas porque fechadas à segunda-feira, as outras porque fechadas para reabilitação que o jubileu do ano 2000 ofereceu a Roma. Não nos estava a dar razões de júbilo este jubileu. Uma boa parte dos edifícios que queríamos ver e fotografar estava a barhos, ou a sofrer operações estéticas.

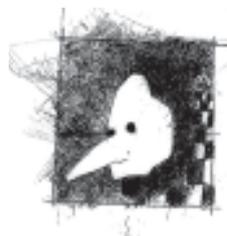
Precisava urgentemente de um guarda-chuva. E havia-os. Por toda a parte. O espírito de oportunidade de um qualquer asiático tinha-os à venda. Mas eu tinha um desses, já transformado em aranha de antiquário. No metro, nas paragens de autocarro, nas entradas dos bares, nas esquinas, por todo o lado os chuços parecidos com aquele que o Sidat me emprestou. É evidente que não me atrevi a comprá-los. Fã-lo-ia numa loja de verdade, de preferência num dia em que não chovesse. Chegou a vergonha por que passei com o que trazia nas mãos!

Caminhávamos pela cidade, como se o andar fosse uma tentação irresistível: Praça de Espanha, Praça Silvestro, Via del Corso, Chiesa Nuova, Palácio e Praça Farnese. Duas grandes banheiras de pórfito avermelhado ladeiam a Praça Farnese, transformadas em belíssimas fontes urbanas. Não há dúvida que os patrícios romanos sabiam bem o significado do conforto e do regalo dos banhos bem tomados. Assim o atesta a descrição que nos é feita das Termas de Caracalla, construídas entre 212 e 216 a.C.: a sala do frio – o frigidarium, a sala do quente – o calidarium, a sala do morno – o tepidarium, a das massagens, a piscina, os vestiários, o ginásio, o estádio, o armazém dos óleos e perfumes, os imensos tanques de água... Este era o núcleo do conjunto, complementado por espaços para a exercitação do espírito, tais como a biblioteca e galerias de arte, mais a sala de reuniões e a de conferências a fecharem os topos do jardim. Tudo feito para albergar mais de mil e quinhentos “banhistas”. Uma casa de banho do tamanho de uma cidade? A verdade é que tudo fora feito para o conforto, a conversa amena, a concertação de ideias... no bem bom! (Talvez valesse a pena umas termas para os nossos políticos desavindos; e que todos eles fossem obrigados a frequentá-las ao mesmo tempo, para poderem falar sem mirrões televisivos nem defesas para as suas mazelas físicas e mentais... e se deixarem das ameaças cíclicas e desestabilizadoras). Bem mais adiante a Praça das Flores. A chuva persistia e nos apossava por entre verdura diversa, flores, fruta, vegetais e tons de todas as cores. Só o autocarro nos livraria da humidade daqueles túneis de vento em que as ruas se transformaram. Tomámo-lo depois de um vislumbre do deslugarado ‘Altar da Pátria’ dedicado a Victor Emanuel II (é de facto um deslugar, este monumento, no lugar onde/como está). A iminência da sensação de um quase afogamento foi vingada, finalmente, com um guarda-chuva novo e com o Titanic, esse sim, a afundar-se em cinesmascope e estereofonia

não na chuva, mas por entre os truques a reconstituírem os gelos do mar do Norte. Finalmente connosco o aquecimento morno dos espaços do cinema, sem o suor em bica a que as nossas salas de espectáculo nos habituaram. Não vimos o filme todo. Dormimos por entre as explosões, coisa que é difícil nos cinemas de Maputo, em que os frequentadores dialogam com as imagens, aos gritos, chamando a atenção das personagens para os perigos e batendo palmas quando elas se safam.



22 Pádua e Veneza: o belo a tremer de frio



O nosso programa didáctico desenvolveu-se como o alastrar de uma mancha de óleo. Imperceptível e indistinto no início; definido, marcado e árduo à medida que as semanas transcorriam. A aprendizagem deixou o espaço estrito da sala de aula e alastrou pelos museus, exposições, bibliotecas, monumentos e livrarias. Arrastou-se pela cidade, atingiu seus arredores e transbordou. Pádua e Veneza foram o seu primeiro prolongamento pelos campos além-Roma. Palladio tinha que ser uma das primeiras referências. E foi-o pela mão do Berti. Seguir-se-ia Florença e Caserta pela mão do Bianchi, recuaria pela Óstia Antiga, saltaria para o moderno de Roma pela fina mão do Accasto e teria os seus últimos suspiros na enigmática Villa Adriana, pela rota de Margueritte Yourcenar.

Entre Roma e o Veneto transcorreria uma noite inteira passada numa carruagem de quatro camas. Não podíamos perder tempo. Arrunámo-nos no beliche e deitámo-nos para a viagem. A convite do Berti, que sabia do nosso interesse em percorrer Palladio e nos recebeu cinco horas e meia depois na estação central de Pádua. Deixámos as parcas trouxas em sua casa e partimos de imediato directos a Vicenza, o coração das obras do grande arquitecto italiano inspirador de escolas e arquitecturas nos tempos que se lhe seguiram, pelo ocidente. Mas a excitação levou o Berti a esquecer-se que os carros não andam sem combustível. E o carro parou a meio do caminho. Seco que nem um cepo no deserto. E, sendo ainda quase

madrugada, não havia outra solução senão acordar o Matia, seu filho, para nos safar com um galão de combustível. Enquanto esperávamos, deambulámos pela beirada da estrada cinzenta de neblina, espreitamos um cemitério simpático, despojamo-nos de líquidos incómodos contra pobres árvores, como se estivéssemos em qualquer rua moçambicana. O percalço resolveu-se e o giro prosseguiu.

Foi uma sensação estranha essa, de demandar Palladio a tiritar de frio e de gorro enterrado pela cabeça abaixo. Detesto gorros. Mas entre orelha gelada e aspecto patego prefiro, evidentemente, o conforto de um agasalho provinciano. Não é possível evitar que o frio entre nesta estória. Não estávamos na Roma de clima mais ameno. As mãos recusavam-se a escrever e a pressionar o botão da máquina fotográfica, o nariz des-sensibilizou-se, os pés encolheram-se, o pescoço desceu e os ombros subiram. Foi assim que nos apercebemos do poder estimulante das obras de génio. Desencarquilharam-se os nossos corpos. Era o poder da arquitectura expressa plenamente no domínio dos volumes, no diálogo preciso com o lugar e a paisagem, no perfeito oferecimento do seu espaço, interior e exterior, para a manifestação das outras artes. Estávamos perante a Villa Rotonda, repentinamente libertos de toda a sensação de desconforto da geleira que nos acompanhava. Mas adjectivar Palladio é um contra-senso; um puro exercício de estilo inconsequente. É só deixar fluir a emoção do toque e o êxtase do olhar. Fizemo-lo nas villas Comaro e Foscari/Malcontenta; nos palácios Conti, Thiene, Della Regione/Basílica, Porto, Chiericati e Valmarana; na Loggia del Capitaniato e no teatro Olímpico.

Felizmente que a arquitectura não se confina apenas à projectação de obras de arte. Se assim fosse, esta visita a dez obras deste génio quincentista resultaria em mim numa paralisia como profissional.

O adeus a Pádua fez-se com um afago pelos livros da Feltrinelli, sem tempo para descodificarmos a luz dos quadros da escola de Tintoretto em Sta. Justina, sem tempo para compreendermos a estranha devoção por nós testemunhada aos despojos do Santo na Basílica de Sto. António, onde compramos terços para as promessas de amigos e familiares devotos em Maputo.

Depois de Vicenza, Pádua e arredores, chegámos a Veneza. Era uma luz contida como se o sol calculasse a sua intensidade para não agredir o olhar dos que a admiram. Uma luz que sublima a teimosia do homem, desafiando as lagunas do Adriático; uma suave luz nublada marcando o oferecimento da natureza, a premiar a destinação de se erguer uma dora grande sobre as águas. Corria um vento frio e húmido a empurrar-nos, ou a atrasar os passos conforme a direcção das estreitas ruas pedonais. A Igreja do Redentor, a Praça de S. Marcos, a Basílica, o Campanário, o Palácio dos Doges, a explicação dos suspiros da ponte respectiva, a Ponte do Rialto, S. Giorgio Maggiore, o grande canal, os vidros de Murano ao longe... Tudo isso ia saindo da lembrança de páginas de livro e visitas antigas, e avultava como coisa verdadeiramente palpável. Em qualquer sítio uma surpresa ao lado de outra. E uma rede de canais a ligá-las em reflexos, na água escura, pesada e espelhante. A proximidade do Carnaval lia-se em todas as lojas, enchia-nos os olhos de máscaras venezianas de diversos tamanhos e materiais. Com a vantagem de, nalguns sítios, podemos ver o amor, a arte e o apego com que elas se fabricam. Uma volta breve pela principal estrada de água, o Grande Canal, desvenda-nos a sedutora variedade das formas mestiçando o leste com o oeste. Bizâncio e o Oriente longínquos aportaram ali: nas cúpulas bulbosas, no rendilhado das fachadas, nas janelas, nas portadas, nos varandins. Eu e o Lage corríamos para trás e para a frente, sem direcção, como se tivéssemos sido atingidos por um frenesim inexplicável, um

'parkinson' à dimensão urbana. Indiferentes aos magotes de japoneses que se fotografavam, mais a torto do que a direito. Era como se Veneza fosse apenas a necessidade de um cenário para os seus arregalados olhos, para os seus sorrisos nervosos, para os seus gritinhos irritantes. Ou será que não fizemos, também, esta mesma figura, perante o nosso entusiasmo mal contido?

Não há bela sem senão! Uma boa parte dos ditos populares tem este tom premonitório e inquietante. Avisa-nos sobre realidades subliminares que apenas se percebem quando estamos de mente aberta e sem pressupostos limitantes. Veneza tem senões? Abrimos os olhos. Mas a beleza não pode ficar-se pelos olhos. O paladar, o tacto, o som e o cheiro têm também as suas exigências, as suas regras, os seus padrões de perfeição. Em Veneza, um deles tergiversou. O cheiro. Não é coisa que se deva procurar sentir! Nem os canais, nem as ruas, nem o ambiente devem ser cheirados, para que a náusea não nos tolde o olhar; para que a serenidade da vista e do espírito não sejam perturbados. Definitivamente o mal do lento afundamento da cidade, os perigos instalados na linha de água dos edifícios, o mau cheiro que baila no ar como uma perturbante ária de ópera, existem. Mas não deixámos que ficassem em nós senão como manifestação de pequenos desagradados. Eles são, apenas, gotículas insignificantes do belíssimo manto de bruma a vestir Veneza.

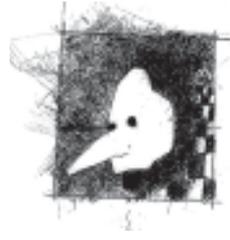
O fim de tarde chega e o autobarco leva-nos de volta à estação ferroviária. Viajámos no convés, ao vento, para melhor retermos a paisagem nas nossas câmaras. Ganhámos as imagens que queríamos e o princípio de uma constipação que não queríamos. Chegados à estação, não tomámos café sem conferir o preço. Não nos tomaríamos a embaraçar pagando vinte mil liras por duas chávenas (des)saboreadas, como aconteceu num restaurante a beira do canal e com o contra-senso de o termos feito para papuar

as liras que gastaríamos numa refeição mais substancial - devíamos saber que a vista do mar a dois pés e o cais ao lado eram mais-valias que, com certeza, se reflectiriam no preço do café.

Uma última fotografia, uma bebida quente, uma correria pela extensa plataforma número nove e um derradeiro olhar panorâmico do andar superior da carruagem número sete. Deixámos Veneza a esfumar-se, suave, na neblina cada vez mais densa. Uras máscaras de louça do Carnaval que se avizinhava, uns vidrinhos de Murano e um roteiro recordar-la-ão. A constipação passou a manifestar-se toda poderosa. Com a mesma exuberância com que os pombos da Praça de S. Marcos atacaram os braços de milho do meu colega.

O regresso a Roma foi um sono. Rápido e insonso.





23 Florença apenas

É preciso preparar, como convém, as pernas para Florença. Apetrechar bem a vontade contra o rigor invernal. Suster um pouco o entusiasmo. Estar. É preciso saber estar na cidade. Um concentrado de história da cultura europeia. Uma mão cheia de lições de arquitectura. É preciso saber esquivar-se, quando é possível, dos magotes de americanos e japoneses a cutucar-nos. Temos que saber sentar-nos a olhar para nada. Andar sem destino pela estrada. Fazer dos olhos um pássaro.

Mas a alegria pode esmorecer um pouco. Aconteceu com o Paulo, ao descobrir que ficara sem o seu imprescindível meio de registo. A sua máquina fotográfica deixada no comboio para outras mãos. daquelas que sabem procurar, nos outros, motivos para a sua própria alegria. Só a nave envidraçada da estação ferroviária de Sta. Maria Novella (1932/33), de Giovanni Michelucci, à chegada, enriquecida mais tarde com a espantosa vista do Duomo sobre a cidade, o recompensou. A mim também me bateu na testa o arrependimento de ter deixado a máquina fotográfica em casa. Mas com Giotto, Beato Angelico, Piero della Francesca, Rafael, Leonardo da Vinci, Botticelli, Miguel Ângelo, Brunelleschi, Alberti, Bramante, Ghiberti e muitos mais, tudo o que ficou para trás é insignificante. A Europa devia compensar a Itália por estes dois ou três quilómetros quadrados de espanto e prazer estético. Não devia ser o comboio o Eurostar. Florença, sim. Ela é de facto uma das verdadeiras estrelas da Europa. Um dos seus mais importantes cadinhos de criatividade. A Itália devia

ficar fechada. Não devia fazer mais nada senão deixar-se ver. Para isso haveria os vistos e taxas diversas que substituiriam as exportações. E os italianos divertir-se-iam merecidamente com eleições, jogo democrático, design, moda, cenografia e paisagem, investigação para restauro, discursos, futebol, estudos de história da cultura e civilização, ópera, consultoria acerca da questão da criatividade e do saber viver sem conflitos na maior confusão.

À volta dos monumentos, o ambiente é de feira. Câmbios por todo o lado, ou roupa, ou peles, ou bancas de reproduções de pinturas famosas e de aquarelas incharacterísticas, máscaras ditas africanas, caríssimas lojas de moda.. Uma mistura feérica a contrastar com a contenção e qualidade das obras de arte de ontem.

Os americanos e os japoneses continuavam a cutucar-nos em cada palácio, em cada igreja, em cada praça. Seus guias falam alto e gesticulam como se estivessem a manipular dóceis marionetes. Por vezes, ao olhar para aqueles grupos, dava-me a sensação de estar diante de uma fila de informais hambúrgueres ambulantes; uma mistura de carne destemperada, mas cheia de anúncios luminosos para o seu à-vontade e a sua presença.

Deambulámos pela cidade, calados pelo sereno equilíbrio dos edifícios.

Demorámo-nos no extraordinário conjunto que contém a Catedral de Florença e o Baptistério. Enquanto uns subiam ao topo da cúpula da catedral com mais de cinquenta metros de altura medidos a partir dos seus apoios, esgueirámo-nos pelo Museu das Obras do Duomo onde apreciamos a curiosa versão da Pietá enjeitada(?) pelo seu próprio autor, o justamente celebrado Miguel Ângelo. Afinal, há mais do que uma Pietá do mesmo Miguel Ângelo! Uma na verdadeira grandeza, mais ou menos escondida, e que, contra a

vontade do autor, não chegou a ser destruída, e outra na grandeza verdadeira, em S. Pedro. A procura da perfeição tem destas coisas...

Espraiámo-nos pela célebre Galeria dos Uffizi e olhámos de passagem o Palazzo Vecchio. Nas arcadas da praça adjacente, comprei uma Sagração da Primavera do Botticelli. Ouvimos uma informação acerca dos mil cuidados e da ciência ao serviço do restauro do Perseu de Benvenuto Cellini. Disseram-nos então que estava ali um exemplo da combinação das possibilidades da alta tecnologia de hoje com os valores do humanismo do século XVI. Tocou-nos esta ligação de tensões inovadoras separadas por tantas centenas de anos: de Cellini, uma nova modalidade de fusão do bronze condensada no Perseu; do final do século vinte, a tecnologia avançada das complexas análises físico-químicas para determinação do estado de conservação do corpo do Perseu e da cabeça da Medusa e a possibilidade de visualização em todo o mundo, via internet e em tempo real, da sala de exposição e do restauro. Galgámos à pressa as escadarias do Palácio dos Medici e, entre o almoço e o comboio do regresso, descansámos o espírito, mas não os olhos, nos ouros enchendo as lojinhas penduradas no arco da Ponte Vecchio, entre nessas do rio Arno.

Esta Florença é muito mais bela do que a única que eu conhecera na KumiLamba. A de Penba era apenas um longínquo nome de mulher delicada, segurando o orgulho dos penbenses na sua voz limpa e premiada. Será que Florença é sempre nome de coisa boa?

Perdoa-me, Florença, que me queixe das dores nas pernas, das pontadas no lombo, do peso que se atracou nas minhas costas. Isto não tem nada a ver com o que me deixaste na memória. Obrigado.

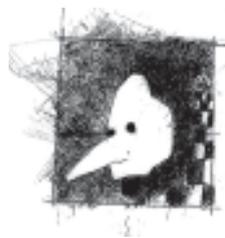
A carruagem número seis não é de fumadores. Talvez seja por isso que, de peito alçado, o Lage olhe com tristeza o maço de cigarros

poisado à sua frente. Inútil? Eu não sabia que também era possível fumar com os olhos. Como é fértil a imaginação!

Mas não foi só a impossibilidade de fumar no comboio a única contrariedade com que o meu colega se defrontou. Ao avistarmos de longe a cúpula da catedral, o Lage jurou que subiria até ao topo em homenagem ao seu autor, o arquitecto Brunelleschi. Eu retorquii-lhe que receava não conseguir fazê-lo, dada a sua altura e as voltas a dar pela escadaria, em espiral, que a contorna interiormente, sempre cada vez mais longe do chão. Eu não a subiria e também duvidava que o meu colega o fizesse. O Lage entomou-me a sua teimosia em cima e eu calei-me, conformado. Só que ao vê-la tão perto, no seu real tamanho, deve ter pensado que se encontrava demasiado em baixo, e era demasiado pequeno para tanta obra, para tanta grandiosidade. E desistiu de dorrigar as pernas a respeitar a sua vontade. Ficou-se, de boca aberta, com aquela cabecinha modernamente grisalha (para não dizer precocemente idosa ou sábia..) a olhar para o céu, como quem conta estrelas em pleno dia: ar aparvalhado, não é? Resignou-se, perdeu a aposta, e acantonou-se numa rezinguice que nos acompanhou até ao fim da viagem. Passou a refilar por tudo e por nada. Ora porque andávamos devagar, ora porque demorávamos muito tempo nas livrarias. Até que um de nós se perguntou: "Então este aqui parava ontem, em Roma, em tudo quanto cheirava a livro. Por que é que hoje começou de repente a fazer de conta que não tem nariz?"

O comboio toma o caminho de Roma entre neugas esparsas de neve. Chegaríamos às nove e meia da noite ao nosso apartamento da Rua Damasco. Com um monte de pequenas tarefas extracurriculares por realizar: lavar a roupa, limpar e arrumar a casa, temperar a comida, tomar banho e pensar no dia seguinte. Só depois é que teríamos as camas aos nossos pés, prontas a receber cada um de nós.

24 Sabáudia: a vontade indômita de matar mosquitos



Um dia em Garbatella, outro por entre edifícios exemplares e casas apaçadas do moderno que o Prof. Accasto nos mostrou, e mais tarde em Sabáudia, confrontámo-nos durante horas a fio com os anos vinte, trinta, quarenta e cinquenta da arquitectura. Vimos Terragni, Sabatini, Renzi, Libera, Moretti, Mario Marchi, Liongelli, Trotta, Nicolosi, Palmerini, Plinio Marconi, Luigi Vietti, Pietro Sforza, Pietro Aschieri, Cancellotti e outros criadores da arquitectura moderna italiana. Aprendemos as virtudes da abertura de espírito e da verdade, mesmo em momentos difíceis para a vida. O totalitarismo fascista não pode por si só justificar que se apague do mapa o nome de um arquitecto, só porque colaborou com o fascismo. Dizem-me que assim o fez o inesquecível Bruno Zevi, apesar do fascínio com que sempre o leio. Ficámos intrigados. E é por isso mesmo que procurámos Piacentini. Não podíamos deixar de trazê-lo para aqui. Como promotor do trabalho de jovens arquitectos, incluindo jovens associados ao movimento racionalista; como chefe de equipa de uma certa arquitectura mussoliniana, de cariz 'neoclássico estrito', mas também como projectista de 'edifícios competentes'. Não deve ser por acaso que lhe dedicamos meia página no Dicionário de Arquitectura de Oxford. Vale a pena olhar a sua obra e determo-nos na sua capacidade de congregar gente à volta de projectos. Seja como for, bem haja a "esquerda", para que a "direita" civilize as suas armas. Não será que a existência destas duas mãos contraditórias contém em si o sentido da vida? Convencemo-nos que só com uma visão aberta e verdadeira do

passado é que evitaremos que os nossos filhos recuperem tudo do fascismo, como por vezes nos perpassou pela ideia, a partir daquilo que ouvimos. Continuaremos a dizer que o fascismo foi uma coisa má. Mesmo que o saneamento dos pântanos de Pontine, a subeste de Roma, tenha sido obra sua para implantar o espanto que foi a cidade nova de Sabáudia.

Quem disse que os lugares dos mortos não são espaços de grandes manifestações da arquitectura e, até, das coisas vivas da vida? Por vezes, só nas necrópoles podemos perceber o sentido profundo das ambições dos vivos. Entrámos em Sabáudia pelo cemitério. Um bom espelho de um certo espírito narcisista, do espalhafato, do culto da personalidade, da especulação fundiária ou 'jaziguária', da planificação rígida, fechada, encaixilhada. Em superfície e em altura. Arcos, abóbadas, cúpulas, pórticos, fachadas de palácios, apenas para orgulho das almas. Tudo em miniatura, como se a morte fosse a representação do pequenino. Gavetas ocupadas crescendo em paredes inteiras, com os mais diversos tipos de dedicatórias, em mármore, metais e quejandos. E gavetas vazias à espera dos restos do próximo cadáver. Tudo arrumado, mas mórbido, como seria de esperar. E eu que estava convencido de que o culto africano dos mortos era por demais exagerado! Estou mais elucidado.

Sabáudia trouxe-nos de novo a problemática da acção do tempo sobre as mentalidades. O abominável num certo momento, porque símbolo de um estado repressivo, transformado na verdade espacial de uma arquitectura com as potencialidades que sempre conteve, mas que só agora são reconhecidas. Um espaço digno, humano, digerido a tal ponto que o seu fundo "diabólico" parece ter-se transfigurado na forma e na função. Que se acalmem então os "comunistas" do meu país, que os feitos da sua época áurea terão também o seu tempo, passe embora a comparação pelo oposto.

Ou será que a crise da novidade e das ideias, o esgotamento pela repetição dos modelos, os compassos de espera de novas procuras, nos trazem ciclicamente a idolatria do passado e os revivalismos? Levando-nos a encontrar simbolismos ocultos em cada pedra, ou mesmo na mais prosaica fachada? Levando-nos, finalmente, à reabilitação da arquitectura feita com honestidade, mesmo que em meio fascista?

Estávamos num dos conjuntos arquitectónicos mais simbólicos do racionalismo moderno. Felizmente que a arquitectura acaba sempre por ser um acto de cultura. Será por isso que os arquitectos da época mussoliniana foram muito menos espartilhados do que os seus congéneres de Hitler? Talvez isto encontre alguma luz numa das máximas, do mais puro oportunismo, de Mussolini: "Eu sou um revolucionário ou um reaccionário de acordo com as circunstâncias". E como em arquitectura não há assim tantas certezas matemáticas, vale mais a pena uma postura mais cautelosa e menos impositiva. De resto o bom gosto geral também pode ter adoptado os impulsos negativos do sistema ditatorial.

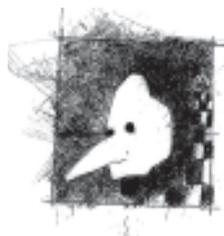
Curvámo-nos perante a limpeza das formas, o cuidado e a eficiência dos detalhes, a pureza dos volumes. Curvámo-nos perante a ousadia dos corredores de Mazzoni e diante da clareza dos volumes da Igreja da Annunziata de Cancellotti, admirámos o respeito pela diversidade integrada do edificado e fascinámo-nos com o volume de retórica e a eficácia dos adjectivos do guia que nos acompanhava. E o Paulo perguntou: "será que a qualidade dos edifícios e a funcionalidade dos espaços, modelados pelos adjectivos do nosso guia, resultam, na prática, tão eficientemente como as frases?".

Felizmente que já não há mosquitos para a cadeia alimentar que os pântanos acolham. Hoje, as pessoas de que eles também se alimentavam podem desfrutar, sem incómodos, dos lagos e dos

bosques reconstruídos. Claro que isto não é motivo de reclamação dos ecófilos, por vezes cegos, da nossa era. A eles não interessam os mosquitos da nossa biodiversidade. Análaria já não faz parte do seu mundo. Os enormes "paludes" ficaram vazios de paludismo e de quase todos os bichos, para que um deles imperasse: o Homem. Quem dera que a vontade de erradicar a corrupção fosse tão forte quanto a de matar mosquitos! Já não haveria nem máfias, nem ladrões de cofres públicos a cavalgar os povos e os pobres e, evidentemente, as listas infinitas de vítimas do falciparum poderiam ir para os museus de uma OMS em extinção. E assim, com uma dupla tristeza, deixámos a belíssima escala humana da cidade de Sabáudia, de Luigi Piccinato, entre outros, sem nos coçarmos em nenhum momento.



25 Caserta: a grandeza balofo de um reino efêmero



A correria nos túneis da estação central pos-nos a língua para fora. O nosso qualificado cicerone, o Prof. Bianchi também correu conosco, depois do seu atraso na chegada à estação central. Mas toda esta urgência não chegou para evitar contratempos. O Prof. comprou-nos os bilhetes e fomos tomar os nossos lugares na frente do comboio. Chegados à carruagem, o fiscal disse-nos que não poderíamos seguir viagem sem picarmos os bilhetes, para confirmar a sua utilização. O nosso generoso guia deixa-nos na carruagem e corre de volta às máquinas picadoras de bilhetes. Demorou o tempo normal para percorrer as enormes distâncias que separam as diversas funções da estação. Mas nós, sabichões e impacientes, alertados pelo apito de arranque, deixámos a carruagem convencidos de que era melhor esperar fora. Não fosse o Professor chegar tarde e, separados dele, ficamos entregues ao destino do comboio-expresso no fim da linha, a muitos quilómetros de distância. Mas o que aconteceu foi precisamente isso. O nosso solícito professor cumpriu a missão e entrou pela última carruagem. O comboio arrancou e de repente vimos alguém de braços no ar e olhos azuis arregalados a deslizar pela plataforma para longe de nós. Era o Prof. Bianchi na sua viagem solitária para Caserta, sem nós. Com a agravante que o comboio só pararia lá. O próximo comboio era daqueles que pára em todas as capelinhas. A separação foi de várias horas mas resolveu-se a contento. Nunca mais deixaríamos o pé do nosso amigo.

Todos nós achámos que o complexo real de Caserta valia particularmente pelo seu tamanho, pela escala das suas perspectivas monumentais, pelo seu luxo. O seu desenho, no dizer do velhinho Sir Banister Fletcher, é estruturado numa malha de vazios e cheios do tipo da do Escorial espanhol ou da do Whitehall inglês, buscando a monumentalidade paradigmática do Versailles francês, tão copiado pelas cortes europeias. Pois a corte de Nápoles queria algo que também a dignificasse e, por volta de 1751, Carlos III de Bourbon resolveu contratar Luigi Vanvitelli para projectar o grandioso conjunto real, cuja construção foi dirigida por projectistas diferentes durante décadas. São 1200 compartimentos servidos por 1790 janelas, envolvendo quatro pátios interiores; salas temáticas para a actividade da Corte; espaços não mais do que magníficos, guarnecidos por mármore de Carrara, granitos e outras pedras ornamentais preciosamente trabalhadas; vidros de Murano e cristais da Boémia; pinturas valiosas, nomeadamente da escola napolitana, e estatuária com reproduções de muitas esculturas antigas. Mobiliário de diversos estilos a personalizar as salas infindáveis, variando dos franceses Luís XVI e Império aos de cariz oriental, consoante as homenagens e temáticas dos espaços. O luxuoso complexo privativo de Ferdinando II estende-se por várias câmaras, tendo como centro o seu quarto de dormir com uma cama em forma de barco. Uma Sala do Trono grandiosa; uma biblioteca com doze mil volumes; um teatro; e, espanto nosso, um gigantesco presépio com 1200 estatuas de escultores italianos da época, vestidas pelas mãos ociosas da rainha e pelas damas da corte, apresentando gente em cenas comuns e vestuários do seu tempo.

Mas a grandiosidade não se fica pelo complexo edificado. Do lado oposto à fachada principal, o Palácio Real de Caserta é dotado de um parque com uma cenografia espectacular. Uma linha de água cuidadosamente projectada irrompe da colina, vencendo o declive

entre fontes e cascatas construídas num eixo dividindo o parque em dois. A água acalma-se numa bacia pesqueira lateral e num comprido lago central. De um lado, o jardim inglês, intencionalmente descabelado, mandado construir pela rainha Maria Carolina da Áustria para estar na moda, em vez daquele que tinha sido projectado pelo botânico Andrea Graefer; do outro lado, o bem comportado jardim à maneira francesa. Não sei se era por carência de verbas, mas faltava algum cuidado nos jardins e bosques laterais. Toda essa água esplendorosa encaixada em envasos trabalhados com esmero, ou sussurrando nas quedas de várias alturas, foi trazida de dezenas de quilómetros de distância por entre trancos e barrancos, para gáudio da corte de Nápoles que acabaria por ser absorvida pela grande Itália. Mas ficou esse espectáculo da sua determinação e grandeza, cuja apreensão só é possível se for vivida. Bem vistas as coisas, o que acabo de descrever não é apenas um palácio; é talvez, mais do que isso, um imenso capricho de uma corte efémera.

Terminada a visita ao complexo de Caserta, regressámos a Roma depois de um jantar opíparo, no cimo de uma colina fria e pitoresca das redondezas. A refeição iria pesar-nos nas entranhas e nos sonhos estranhos da barriga cheia.



26 Villa Adriana: o complexo residencial de imperador complexo



O único sítio de que guardei instintivamente uma recordação física é o complexo residencial mandado construir pelo Imperador Adriano. Trata-se de uma violeta apanhada junto ao 'Campo' - curiosamente o único edifício do conjunto cujo nome parece ter algum fundamento. Uma violeta seca, mas sugestiva de beleza. Descolorida, mas simultaneamente delicada e grande pelas memórias que transporta. Pedúnculo partido e despojado, mas firme na definição do seu traçado contra o fundo branco do bloco de papel que o suporta. O que resta das pétalas ainda me sugere o esplendor perdido da corola. As folhas soltas colei-as com cuidado onde deviam estar. É assim que guardo a Villa Adriana sempre junto a mim. Um raio de luz lilás enfraquecido pelo tempo, mas vivo de lembranças.

Que personagem foi essa que deu à humanidade este complexo residencial arquitectónico tão diversificado e sábio? Dizem que não era um romano de Roma. Era um hispânico como o seu tutor, o imperador Trajano. Não será também esta uma das grandezas de Roma? Não discriminar cidadãos pela sua origem? O facto é que um não-romano de nascimento pôde ter o império a seus pés e engrandecê-lo. Como se esperaria de um qualquer cidadão originário. A Villa, o Panteão e o Mausoléu atestam-no. Vale a pena reler Marguerite Yourcenar. Mas vale também a pena lembrar que, hoje, uma "miss-italia" que não seja tão italiana de ascendência como a maioria dos italianos dará muita discussão e ficará

guardada numa gaveta, como se a sua inquestionável beleza tostada transportasse consigo uma maldição.

São estranhos e descontraídos os sentimentos que a Villa me traz. Por um lado, uma escritora acampada à entrada, meses a fio, tentando decifrar o génio daquele que a mandou construir há mais de 1860 anos; por outro (volto a repetir), a estranheza de um verdadeiro 'xingondo' de Roma* feito imperador; um 'marginal', de lá das 'almofadas' do império, em pleno centro do poder. E, para me confundir mais ainda, vêm-me à cabeça os sentimentos díspares de estar diante de uma obra de genial visão ou, pelo contrário, de estar apenas perante um inteligente, mas simples e prosaico repositório de edifícios intrigantes, copiados de diversas partes do mundo que o imperador teria visitado nas suas inspecções pelo seu vasto território - do Egipto, à Grécia -, e que resolveu integrar num conjunto único: como se faria se quiséssemos ter um mostuário, do tipo 'museu', de diferentes manifestações arquitectónicas dos países vassalos. Mas, a qualquer destes sentimentos, sobrepunha-se a espectacularidade, a imponência e a qualidade integradora do conjunto, aliadas ao equilíbrio, à técnica, ao prazer da sua beleza, à sabedoria da sua execução. É evidente que estou à procura de palavras para transmitir o que ainda me parece indizível: um complexo de monumentos e edifícios aparentemente dispersos e diversamente orientados num extenso parque/jardim de 120 hectares, acabado de construir cerca de 134 d.C....; uma integração quase perfeita entre edifícios e vazios, áreas ndres e de serviço, pátios e grandes espaços ajardinados. Mas, para além das palavras, ficarão por muito tempo na nossa recordação as imagens da 'obra' de tijolo que ergue a muralha da entrada actual que suportava o duplo pórtico do 'Pecile', no eixo do qual se espraiava um enorme plano de água; ficarão na memória o vestíbulo, as pequenas e as grandes termas, o edifício com três êxedras, o 'Ninfeo Stadio', a imensa

abobada em concha semiesférica da Sala dos Filósofos e o Teatro Marítimo com a sua ilha de repouso circundada por uma colunata e um fosso de água em coroa circular; as Termas com Heliocaminho, o Pátio das Bibliotecas, o Palácio Invernal, a Caserna dos Vigilantes; os pavimentos desenhados, policromos ou monocromáticos da Praça de Ouro e da Hospedaria, respectivamente; o Teatro Grego e (deixo para o fim...) de novo o Canopo, de inspiração egípcia que, dizem, representa simbolicamente o curso do Nilo, as suas cascatas e o delta que o espraia em contracorrente Sul/Norte, no caldo de culturas em que o Mediterrâneo se constituiu. Nada melhor do que o que nos sugere, ou o sensação de esmagamento perante a sua imagem podem caracterizar cada uma das edificações.

Apetece-me associar o sentimento de estupor perante as ruínas da Villa com o carácter contraditório do seu mentor, o Imperador Adriano. Diz um seu biógrafo tardio ter sido ele, simultaneamente, "severo e jovial, afável e austero, passional e comedido, avaro e generoso, sincero e dissimulado, cruel e mítico"... Não é de admirar que um carácter assim tão avassalador e indefinível tenha levado a "confrontos violentos com o arquitecto Apollodoro de Damasco, cujas críticas aos projectos de Adriano lhe custaram a vida".

Por isso repito: uma violeta seca, mas sugestiva de beleza; descolorida, mas simultaneamente delicada e grande pelas memórias que transporta. Um pedúnculo partido e despojado, mas firme na definição do seu traçado contra o fundo branco do bloco de papel que o suporta. O que resta das pétalas ainda me sugere o esplendor perdido da corola.

* Não originário de Roma



27 Roma do 'quero mais!',
inclusive monumentos,
ruas entupidas
e até mesmo uma basílica da coca-cola



Os dias eram densos. Densos da actividade distribuída entre aulas, visitas de estudo, conferências, reflexão, convites e amabilidades italianas. A arquitectura, no sentido lato ou especialístico, era o denominador comum. A sua história perde-se de vista no horizonte multimilenar. Recuar vinte e cinco séculos ou saltar para o futuro dos dias, são coisas que podem estar a escassos cem metros de distância. É como ir do museu Etrusco na Villa Giulia à Galeria Nacional de Arte Moderna e Contemporânea quase do lado de lá da rua das Belas Artes. Ali, quase em frente da necrópole etrusca, desvendam-se nos colecções do neoclassicismo italiano, dos romantismos novecentistas vários, da arte das escolas napolitanas tardias e das escolas da Itália setentrional. Ali, a dois passos dos objectos da distante Etrúria, perfilam-se mestres da pintura europeia do século dezanove, como Degas, Cézanne, Monet, Rodin, Van Gogh. A face artística do vanguardismo do século vinte italiano brilha em Boccioni ou De Chirico e dá as mãos a outros mestres europeus, como Mondrian, Kandinsky, Duchamp. Por entre todos estes aparentes contrastes de presenças, estico-me nas figuras do nosso tempo de Modigliani, e descanso a pensar nas cenas realistas do Courbet de oitocentos, a balançar-se entre o socialismo nascente e o cristianismo arreigado... Os estratos de história sobrepõem-se e coexistem em harmonias e dissonâncias desconcertantes. Repito: Roma é como uma rede de traços a

esquivarem-se dos achados do passado. Ruas entortadas para não ferir a arqueologia; obras temporariamente atrasadas ou paradas para não enterrarem definitivamente despojos da história exposta pelas escavações; a solução do problema do tráfego entupida pela hesitação causada pelas ruínas descobertas, a cada pontapé distraído do mestre de obras. Mas o tema não era, no momento, nem o período a.C., nem a arquitetura de hoje. Nem é intenção deste Riário descrever as obras que tivemos o privilégio de estudar e viver à margem das aulas propriamente ditas. Deveríamos ter tido tempo para sentir mais profundamente a Piazza Navona e os seus quatro maiores rios do mundo. Gostaríamos de falar de Sto. Ivo, o esplendor do barroco de Borromini; dos cornos de veado decorando o topo da igreja de Sto. Eustáquio, onde raramente os casais se atrevem a ser casados; da fachada de Sta. Clara; de Sta. Maria Sopra Minerva. Gostaria de falar do que aprendemos sobre a estrutura da cidade e da gestão do verde que a 'penetra em cunha' (?); do Observatório do Moderno ou do Arquivo Tipológico para a habitação; da recolha, tratamento e deposição dos resíduos, numa cidade que os produz ao ritmo de cerca de um milhão e quinhentas mil toneladas por ano. Valeria a pena um olhar mais detido aos quarenta edifícios dos anos trinta fotografados durante uma tarde inteira em Garbatella, um olhar aos palácios e aos seus jardins, às catacumbas do HÉlio; deveria ter feito mais um passeio pela idílica Via Apia labrada, de onde em onde, por meninas nigerianas, em pose de convite pouco decente, aos fins de tarde. Gostaríamos de poder falar das praças, dos obeliscos 'generosamente' colhidos noutras paragens, das ruas e das pontes sobre o Tibre; dos caminhos curiosos da moda, impondo no mercado a Gucci, a Fendi ou o Ferrari. Quereria ter mais garra para fazer desfilar as gentes e as diásporas que os autóctones acolhem, e os artistas de rua, e os desempregados que dormem ao relento, como o que vimos junto ao metro do Coliseu, confundido com a antiguidade em que se

recostara para passar a noite; pintar as luzes, dar ouvidos aos sons e dar paladar aos aromas e sabores da cidade; tirar o chapéu ao bizarro mundo de publicidade desenfiada, a ponto de se erigir uma imensa réplica da Basílica de S. Pedro com latas de Coca-Cola. Não houve tempo, não é conveniente, não sabemos o suficiente. Fica somente esta evocação ligeira para outros que, como nós, demandem Roma, essa metrópole agradavelmente



para o povo
Roma 92

Cyff

28 O truque da jornalista, a Gucci dos japoneses e a carne halal



desarrumada por uma miríade de obras de arte de inenarrável valor para a civilização ocidental.

"Abre um capítulo para peripécias avulsas", pediram-me os colegas de jornada. Não via bem porquê, mas eles avivaram-me a memória com histórias interessantes que valia a pena deixar registadas neste Riário, como notas aparentemente dissonantes. É o lado descabelado da minha admiração pela música de Penderevski.

Num dos generosos convites para jantar em casa da nossa 'mãe-pintora' Bertina, conhecemos a Paola Rolletta, jornalista italiana correspondente da RTP. Gerou-se entre nós uma empatia imediata que desembocou na produção de uma notícia sobre a nossa estada em Roma, a expensas da Cooperação Italiana. Uma tal iniciativa cairia bem na Direcção da Faculdade. Para nós, seria uma boa ocasião para brincar aos entrevistados e sermos vistos pelas nossas famílias em Maputo. Decidiu-se democraticamente que, de entre nós, falaria eu (contra a minha vontade), e que um dos professores mais propensos à projecção mediática exprimiria o ponto de vista da parte italiana. As entrevistas foram feitas em plena sala de aulas, num intervalo entre as lições. Intimidado, lá disse o que me veio à cabeça na altura. Mas o professor, que teimava em falar português, repetiu ufanamente a sua prestação televisiva algumas vezes, sem que se percebesse muito bem em que língua ele se estava a exprimir. Era preciso resolver o problema sem ter que se perder tempo em ensaios. Num rasgo de truque jornalístico, a nossa amiga Paola encontrou a solução: "O senhor

professor pode fazer o favor de mexer os lábios sem falar?". E nós, com as bochechas cheias de uma gargalhada contida, aprendemos que os verdadeiros profissionais da informação, mais a mais os romanos, têm sempre que ter uma solução na manga, uma ideia, um dito, uma frase que não os deixem embaraçados, que não atrapalhem a reportagem. E o professor deu finalmente a entrevista fazendo de conta que falava, mas sem pinta de voz que se ouvisse. A Paola faria o resto em estúdio.

Quem disse que Roma tem muitas discotecas a que podíamos ir que não fossem as africanas? Pois pareceu-nos que não tem. Só conseguimos entrar numa e, mesmo nessa, tivemos de valer-nos da boa vontade de um dos nossos professores. De resto, foi andar, andar e bater com o nariz na porta, por entre espreitadelas em frestas de néglia luz e desculpas esfarrapadas do género "este clube é só para sócios". E ficámos a saber que todos os discotequeiros de Roma eram sócios desses estabelecimentos de diversão nocturna. Caso contrário, os romanos só poderiam dançar recatadamente em casa, o que não é crível. Guardamos para nós a ironia, não sem uma ponta de tristeza por não podermos dar o gosto ao pé durante meses a fio. Haveria vingança para isto em Maputo? É evidente que não, porque os dólares, no meu país, são sempre "sócios" de todas as discotecas e quejandos, com reserva do direito de admissão. Finalmente, limitamo-nos a ir a um bar de angolanos por indicação da Paola e, felizmente, deixámo-nos de discotecas. Quem sabe se mesmo nas tais "boites" africanas não acabaríamos por ir parar à esquadra numa daquelas rusgas habituais? Pois foi uma cena deste tipo que quase acontecia, por engano, a dois colegas nossos que, no ano seguinte, fizeram uma estadia semelhante à nossa em Roma, como se a noite, na sua pior aceção, estivesse também colada à cor da pele. Será que ir às boites africanas tem de significar sempre a aceitação prévia de risco iminente?

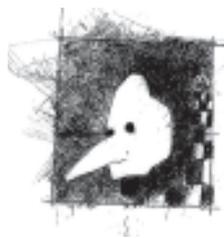
A propósito da moda, essa área de criatividade e exportação italiana por excelência, não resisto a contar um episódio. Num desses dias de visitas a museus, resolvermos, com a alegria de uma fecunda descoberta fortuita, fazer bicha atrás de uma enorme fila de japoneses bem comportados, à espera que um digno portal se abrisse. Pensámos que estávamos perante um museu prestes a ser mostrado à caravana do Império do Sol Nascente e decidimos tomar a oportunidade de o visitar, à boleia e com o luxo de um cicerone. Depois de muito esperarmos, demos connosco dentro de uma das mais importantes lojas Gucci, posta à disposição exclusiva de compradores japoneses em turismo. Não sei porque nos deixaram entrar... O facto é que saímos logo que percebamos o erro, com o pensamento a imaginar a quantidade de notas de banco que seriam o móbil de tamanha exclusividade.

Ser cristão, muçulmano ou ateu não fazia diferença nenhuma no nosso grupo. Mas, estando em Roma, em plena capital do catolicismo, tudo mudou de figura. O nosso colega Sidat viu-se em palpos de aranha para seguir os preceitos da sua religião. Primeiro porque, para ter uma mesquita à mão, foi obrigado a fazer visitas à obra do Paolo Portoghesi todas as sextas-feiras. Quanto à carne Halal, a coisa também não foi tão fácil. Toda a gente dizia que havia muitos talhos que a vendiam. E encontrámo-los. Mas eram, na maioria, talhos talhados para judeus. Imagine-se então um muçulmano ou filo-árabe a cutucar-se com um judeu ou filo-israelita! Não é que tivéssemos algum preconceito específico contra os israelitas. Mas, como que se está sempre a passar lá pelo Médio Oriente, não fazia muito sentido que, em plena cidade de Roma, uma das grandes capitais do mundo, fôssemos obrigados a dar a impressão de que tínhamos um grande prazer em abastecer-nos de bifes apenas em estabelecimentos para judeus. Infelizmente, não souberos, na altura devida, da existência de um manancial dessas casas na Piazza Vittorio. E lá nos fomos solidarizando, até

à exaustão, com o nosso colega muçulmano, como se a recusa de comer carne nos estivesse no sangue. Não quero insinuar que nos países islâmicos não aconteça o mesmo com os católicos quanto às suas igrejas e aos seus preceitos de vida. O que quero deixar sublinhado é que os fundamentalistas religiosos não são apenas coisas do Sul e do Oriente. Talvez todo este arrazoado não tenha razão de ser e tudo resulte da preguiça do nosso colega em procurar devidamente os lugares da sua comida.



29 da cegueira
dos burocratas
à solidariedade dos amigos



Roma jamais desaparecerá da nossa mente. Quanto mais não seja, pelas reflexões que nos meteu na bagagem de regresso. Quando os arqueólogos mandam numa cidade, ela personaliza-se no tempo, mas corre o risco de parar no espaço e de se eriçar contra a "modernidade". Por isso, Roma é uma miraculosa aldeia de preciosidades, um caótico macarrão de ruas entupidas, um belo porto de nervos para quem tem pressa. Será que as maravilhas que nos mostra, será que as ruínas que estão por descobrir, será que tanta história junta, justificam a parálise de procura de soluções para os males de que enferma como grande capital do nosso tempo? Ponham-se os arqueólogos a discutir com os arquitectos, mas tendo os engenheiros à espreita, e talvez se encontrem os remédios adequados para o seu imbróglio. Descobre-se um vestígio de construção de ontem com séculos de existência e pára a obra de hoje, adia-se o investimento, suspende-se o alcance de um objectivo. É a maldição da riqueza de património histórico e cultural. Soubemos de obras do metro paradas, auto-estradas suspensas, obras de consolidação de monumentos interrompidas, tudo por força de uma construção mais antiga descoberta no mesmo local! Nunca tinha sentido uma expressão tão clara da luta entre o velho e o novo. É evidente que o novo de hoje será o velho de amanhã. E não gostaria que o velho de amanhã fosse desprezado. Nem que seja apenas por uma questão de brio clubístico face à minha época.

É esta cidade que estávamos prestes a deixar. Com mágoa, mas

também com a ansiedade de quem deixou em casa muitas pequenas alegrias que só o lado mais "nas tintas" do mundo pode construir, mesmo no maior dos sofrimentos.

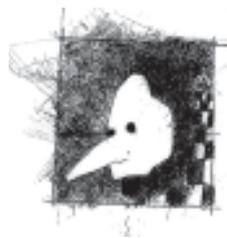
Chegara a altura de deixar Roma. Tinha decidido que viajaria de regresso a Maputo via Lisboa. O curso dava-me a possibilidade de resolver um problema familiar antigo de cerca de uma quinzena de anos. Ver um filho de que eu me perdera desde a independência do meu país. O contacto telefónico, feito no meio de infirmáveis reticências, definiu a possibilidade do encontro em Lisboa. Eu dava graças à generosidade do André em querer conhecer um pai ausente e não me conformava com a ideia de perder a oportunidade que se abriu por via da sua meia irmã, a Taíla, da sua mãe, a Isabel e da minha mulher, a Fernanda. De facto, seria quase impossível racionalizar aqui explicações para tanta incomunicabilidade. Sobretudo depois de esfriarem os entusiasmos de uma certa cegueira emocional em que, no pós-independência, nos deixámos afundar por insondáveis razões de carácter político. Serve isto para que se compreenda a minha indignação ao me ser comunicado, por um funcionário do Ministério dos Negócios Estrangeiros italiano que não podia mudar a rota de regresso, mesmo que eu me responsabilizasse pelas despesas que isso acarretasse. Foi uma luta de duas semanas que só terminou quase no dia da partida. É evidente que este episódio, de tão pessoal que é, não caberia neste conjunto de relatos. Mas, eu e os meus colegas, achamos que uma quase-lágrima no canto do olho poderia dar bem a noção do desespero que os meandros da burocracia, por vezes, criam.

A insensibilidade, a frieza e um certo despudor são as maiores virtudes de qualquer administração burocrática. Fazem com que se cumpram as leis sem olhar a contextos, sem lágrimas, sem emoção. E o cumprimento das leis define as democracias. Dizem-me que é preciso cumprir a lei e a lei é cega. Então, nos balcões

e nas secretarias, os funcionários deviam ter vendas nos olhos e não ter amigos. Mas como, felizmente, as coisas não são assim tão lineares, acabamos sempre por poder recorrer à emoção e aos amigos para resolvermos problemas que nos pareciam simples, que o eram de facto, mas que a burocracia perfidamente se prestava a complicar. Obtive, finalmente, a autorização de pagar o bilhete para mudar de rota, com a ajuda de um amigo que conhecia um "Conselheiro" lá onde era preciso conhecer. E, ainda por cima, fiquei a saber que a operação não era ilegal. Só que não era normal. Veio depois a necessidade da mudança do horário de voo e, a seguir, o peso dos livros. Tudo se resolveu em cima da hora. Foi preciso encontrar a amiga e protectora certa para, com dois ou três telefonemas, resolver tudo numa assentada. Com efeito, a Bertina abriu-nos portas e potenciou mesuras. Se os nossos amigos fossem familiares poder-se-ia falar de nepotismo, tão corrente em países como os nossos e tão criticado pelas ONG's ocidentais e políticos do Norte. Felizmente que não nos socorremos nem de irmãos nem de "nepotes" para resolver os problemas com que nos deparamos. Valeu-nos simplesmente a amizade desinteressada.



30 O adeus à via Damasco: doce vida na estação central



Os outros quatro colegas já tinham partido no dia anterior. Ficámos dois: os que precisávamos de regressar por outra via. Um de nós, por razões fortes, conseguira atingir o objectivo. O outro, rendido à burocracia, desistiu, ganhando com isso o atraso do seu regresso pela via previamente definida. Precisávamos de mais meio dia de apartamento. Mas a intermediária do aluguer queria que pagássemos 300000 liras para prolongarmos a nossa estadia por mais um dia de luz. Trezentas mil liras? Dividir essa música toda por dois nêmfios em situação de bolseiros, era coisa que nem em imaginação se punha. E não se pôs mesmo! Furiosos, não tanto com os termos da proposta, mas com os modos da nossa interlocutora, eu e o Lage tivemos de encontrar coragem para limpar, varrer, lavar e arrumar tudo ao ritmo de um corredinho minhoto, depois de nos ter sido recusada a permanência no apartamento por mais umas horas. Da casa de banho à máquina de lavar, tudo ficou num brinco e arrumado. Mesmo sem contar com as outras oito mãos que nos faltaram. Estamos habituados a deixar as coisas mais limpas do que no-las deixaram para não correremos o risco da expressão "não se podia esperar outra coisa destes subdesenvolvidos, senão desordem e sujidade"... Mas não nos habituáramos, pelo menos até há alguns anos atrás, a mendigar favores de barato, nem a dar o outro bolso depois de nos terem metido a mão num deles, como aconteceu com o projecto de remodelação da sua casa, que tivemos que oferecer à senhora para que nos alugasse o apartamento de que tanto precisávamos.

O estômago vazio ou as pernas sem destino obrigam-nos a descobrir coisas das cidades que os olhos ansiosos, por si só, por vezes não alcançam. Esta constatação surgiu-nos depois de resolvidos os contratempos em que nos metemos no último dia da nossa estada em Roma. Tínhamos que deixar o apartamento por força do contrato. E devíamos fazê-lo no princípio do dia. Mas o avião só nos acolheria muito depois: a mim, ao fim da tarde, com destino a Lisboa; e, ao Lage, só ao fim do dia, para Johannesburg. Que fazer entretanto? Andar pela cidade à espera das horas de cada um. Mas, antes disto, era preciso decidir onde deixar as trouxas: malas pesadas de livros, material didático, ofertas diversas e recordações avulsas. Não as podíamos deixar numa casa que já não tínhamos. Assim aconteceu a odisseia de as fazer descer do terceiro andar até à rua e vigiá-las, sob os olhares espantados dos peões; organizar dois taxis, rumar até à Estação Central de Roma e, ali, depositá-las em cacifos até à hora da partida. Deste modo, encontrámos a nossa última morada na cidade de Roma: a estação ferroviária central. Bendito serviço. Começa então a longa espera, com os braços e costas doridos. Uma espera que só as pernas e os olhos ociosos podiam encher de utilidade. Na realidade, morar umas horas na estação central não era tão mau como isso! Podíamos tomar refeições ao preço das nossas bolsas, podíamos descansar distraíndo-nos com uma imensa variedade de acontecimentos à nossa volta, podíamos ler, ver TV, apreciar as modas e os modismos espalhados pelas diversas montras e mostruários, apreciar os comportamentos mais estranhos, conviver com gente "respeitável" e com outros tipos de respeitabilidade e decência que tivemos ocasião de apreender nos marginais, nos desempregados, nos bêbados, nos drogados; podíamos ilustrar-nos arquitectonicamente com o estudo dos pormenores da belíssima nave principal do edifício; e até tínhamos à mão um serviço d'urbanengueiro de telefones celulares para chamadas intercontinentais geridos, à socapa, por

sul-americanos e africanos em pleno túnel de acesso à estação. Utilizámo-los, ainda que com algum acanhamento e com os olhos postos em eventuais fiscais. Não fossemos nós ser apanhados em actividades ilícitas nos nossos derradeiros momentos italianos. Contactámos com as famílias pelo telefone portátil informal, tranquilizámo-nos finalmente e deambulámos pela cidade com o prazer da espera sem programa preestabelecido. Abriu-se-nos uma outra cidade para as novas asas ganhas pelo andar e pelo olhar desatinados. Entre nós e Maputo, só o trânsito insípido por Johannesburg, de um lado, e a ânsia cheia de emotivas interrogações lisboetas, do outro.



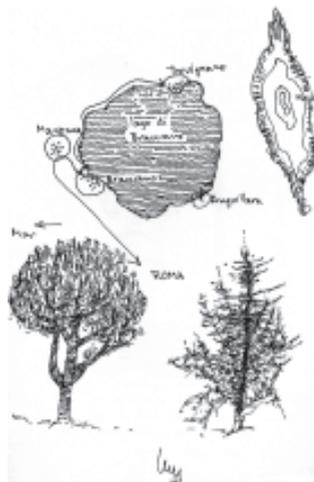
31 a última homenagem: os professores também se abatem?



Não há aluno que se preze que não tenha uma ideia muito própria dos seus professores. Como colegas na FAPF, não nos tínhamos dado conta, mas parece agora evidente que há uma qualquer pancada na tola dos professores-arquitectos. Nas dos italianos também. Particularmente nesses que nos chegam, em levadas temporárias, da romana Sapienza.

Com o Bruschi, o amigo, o culto e distraído homem de vários mundos, viajámos os olhos e a imaginação pelos mais de três mil insectos que um quarto inteiro de caixinhas guardava zelosamente na sua casa cheia de outras frágeis antiguidades protegidas por fitas, em plena sala de estar, e de que nos tínhamos que esquivar a cada passo. Do Prof. Dierna, o dirigente eficaz pendurado num Ilbo imaginário, bastou-me o respeito que infunde, com o silêncio do seu cigarro preto e o minúsculo cinzeiro Fiat, de quatro rodas, em que ele se conduz pela cidade adentro. Do Fiore, o seu apartamento asséptico e o seu falar lento do tamanho de um tratado quinhentista. Do Accasto, a sua erudição desorganizadamente vasta, saltitante, correndo de assunto em assunto, de dúvida em dúvida. Do Scattoni, o seu apego por uma nova "abertura metodológica" na planificação urbana das periferias pobres das cidades, o seu amor pelos subúrbios a crescerem evolutivamente, a sua verve zangada contra a corrupção, e o seu olho eritreu do momento. Do Fantacone e outros doutorados, em início do gozo do título, o seu respeito apavorado pelo Prof. Dierna?. Do Paris, a sua obstinação

paramilitar, a disciplina exigente, a cara fechada em laminados de madeira e o controle dos rolos fotográficos. Do Corvaia, a representação gráfica dos seus gestos dançando numa tagarelice infimável e cheia de papapés. Do Saggio, o desalinho do escritório e o ar despenteadado na declamação desbragada e narcisista, mas brilhante, de uma aula sobre as várias cidades de Roma, em Roma, para meninos americanos. Da Maria Spina, a serenidade, a serenidade, a serenidade, a delicadeza e os detalhes subtis de gráfica competente. Do Vetriani, o seu imparável dinamismo, pondo-o sempre um pé à frente do grupo, contorcendo-se na perenidade das legendas dos trabalhos de tecnologia, que nem a reforma conseguiu serenar. Do Catizzone, a sua capacidade de improvisação, de solução de imbróglios, de abre-latas, portas, ministérios e bancos para as nossas bolsas de estudo e bilhetes de passagem. Do Bianchi, uma inesperada sensação de papá adoptivo; o que seríamos nós sem ele, sem o seu periquito verde, sem as suas boleias várias, sem a sua sala de música, sem o seu "Pinguim Café", sem a sua "Candide" do Bernstein, sem o seu Giancarlo, sem a sua Bárbara, sem a sua fantástica Paola? Sem todos eles o nosso trabalho em Roma teria apenas o interesse de mais uma frase no curriculum.



BIBLIOGRAFIA

- CURL, James Stevens, *Oxford Dictionary of Architecture*, Oxford University Press, Oxford, 1999;
- DI LUCIANO, Angela, e vários, *Enciclopedia dell'Architettura Garzanti*, Garzanti Editore, Italia, 1996;
- FANELLI, Giovanni, *Brunelleschi*, Scala Istituto Fotografico Editoriale, Firenze, 1996;
- FLEICHER, Sir Banister, *Sir Banister Fletcher's A history of Architecture*, 19^a ed., Musgrove, John, Butterworths, London, 1987;
- GLANCEY, Jonathan, *The Story of Architecture*, Dorling Kindersley, London, 2000;
- HÖCKER, Christoph, *Architecture, A concise History*, Laurence King Publishing, London, 2000;
- HONOUR, Hugh & FLEMING, John, *A World History of Art*, 4^a ed., Laurence King Publishing, London, 1995;
- PUPPI, Lionello, *Andrea Palladio, Opera completa*, (3^a edizione), Electa Editrice, Milano, 1995.

Guías:

- FRIT, Luciano, *Gli Uffizi. Catalogo completo dei dipinti*, Becucci Editore, Firenze, 1993;
- BOYLE O.P., Leonard (idea di), realizzata da GUIDOBALDI, Federico e LAWLOR Paul O.P., *La Basilica e L'Area Archeologica di San Clemente in Roma. Guida grafica ai tre livelli*, Apud S. Clementem, Roma, 1990;
- MORSELLI, Chiara, *Guida con Ricostruzioni di Villa Adriana e Villa D'Este*, Edizioni Vision, Roma, 1995;
- SALVADORI, Antonio, *Venezia, Guida ai principali edifici. Storia dell'architettura e della forma urbana*, (Nuova edizione riveduta e ampliata), Canal & Stampa Editrice, Venezia, 1995;
- BOYLE O.P., Leonard, *Pequeña Guía de San Clemente*, Roma, Roma, Kina Italia S.p.A.-Milan, 1991;
- Guida fotografica a colori del Palazzo Reale e del Parco di Caserta*, Kina Italia S.p.A. Milano;
- Comune di Roma, *La Citta Invisibile, guida alla Roma multiculturale*, Villaggio Editoriale s.r.l., Roma, 1997;
- Roma (Guías Visuales)*, segunda edición, Dorling Kindersley Limited, London, Ediciones El Pas, Madrid, 1995;
- Roma, Firenze, Venezia. Un splendido viaggio attraverso le memorie storiche e i capolavori dell'arte delle tre perle d'Italia*, Casa Editrice Boretti, Firenze, 1995;

San Clemente, Collegio S. Clemente, Roma, 1992;
Veneza, Storti Edizione srl, Venezia.

Folhetos:

Il Restauro del Perseo: Tecnologie per L'Unanimesimo, in Perseo Live and on Line, folheto da Cassa di Risparmio di Firenze (sponsorizzazine, promozione e coordinamento generale), Burson-Marsteller, Firenze 1998;

Paola, A cidade do Santo António com as estátuas do Prato della Valle, as obras-primas de Giotto, Donatello, Mantegna, (edição portuguesa), Storti Edizioni, Venezia, 1994;

Galleria Nazionale d'Arte Moderna, Mini-guide, (versão em inglês), S.A.C.S. Soprintendenza Speciale per l'Arte Contemporanea, Realizzazione Editoriale Umberto Allemandi & C. ;

L'Annunziata di Sabaudia, Parrocchia SS. Annunziata, Sabaudia, 1995.

Perché, cosa, dove, quando- "...raccolta, trasporto, trattamento, riciclaggio e smaltimento dei rifiuti solidi urbani nella città di Roma.." (versão bilingue, em italiano e em inglês), Azienda Municipale Ambiente, Roma.

Mapas:

PAGLIARI, Maria Paola, (con la collaborazione di BONAVIDA, Antonella e BRUNI, Angela), *Guida di Roma all'architettura moderna, la Garbatella ICP*, Osservatorio sul Moderno a Roma, Università degli Studi di Roma "La Sapienza", Facoltà di Architettura, Roma;

Verderoma - Guida ai Parchi, alle Ville, ai Giardini, Assessorato alle Politiche della Qualità Ambientale, Ufficio Comunicazione, Comune di Roma, Roma, 1997.

